



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Do lugar ao espaço
Metamorfose das Termas Stº António, Celorico da Beira

Olivier Cardoso Marques

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes
Co-orientador: Prof. Doutor Luís Manuel Ferreira Gomes

Covilhã, fevereiro de 2018



001
Termas Stº António, Celorico da Beira – Guarda, 1920.

Do lugar ao espaço

À memória.

*Agradecimentos
ao professor Miguel Santiago e ao
professor Luís Ferreira Gomes
À família e amigos
e
À Isabel, pela dedicação*

RESUMO

Do lugar ao espaço

Metamorfose das Termas Stº António.

Do lugar ao espaço pretende ser uma reflexão conceptual no processo de desenho para um exercício de projeto nas antigas termas Stº António, situadas em Celorico da Beira. O espaço é hoje a memória e a cultura do lugar envolvido por uma paisagem natural e as ruínas de um passado termal.

A proposta pretende colocar em evidência a identidade do lugar, e assim, perceber a importância do espaço no projeto. Neste sentido, procura-se estabelecer com a memória um diálogo equilibrado, quer na forma, quer no tempo, em função de um novo hotel-termal.

De facto, é neste equilíbrio entre paisagem e desenho, que a condição do lugar e o programa adquirem a “metamorfose” – conceito que procura encontrar uma unidade como mudança comum entre o equilíbrio do valor cultural da ruína “o lugar” e a evolução do novo conjunto “o espaço”. Desta forma, confrontamo-nos com a definição de conceitos e soluções que se refletem, na nossa opinião, como discurso relevante no momento de intervir nas preexistências.

Palavras-chave

Termas Stº António | Celorico da Beira | Memória | Metamorfose | Lugar | Espaço

ABSTRACT

From the place to the space
St. António Thermal Baths Metamorphosis

From the place to the space, it is intended to be a conceptual reflection in the design process for a project exercise in the antique St. António thermal baths, which are located in Celorico da Beira village. The space is, today, the memory and the culture of the place, surrounded by a natural landscape and the ruins of a thermal past.

The proposal aims to highlight the identity of the place, and thus, realize the importance of the space in the project. In this sense, we seek to establish, with the memory, a balanced dialogue, either in form or in time, in function of a new thermal hotel.

In fact, it is in this balance, between landscape and design, that the condition of the place and the program acquire the "*metamorphosis*" - a concept that seeks to find a unity as a common change between the balance of the ruin cultural value (the place) and the evolution of the new project (the space). In this way, we are confronted with the definition of concepts and solutions that are reflected, in our opinion, as a relevant speech in the moment of intervening in the preexistences.

KeyWords

Stº António Thermal Baths | Celorico da Beira | Memory | Metamorphosis | Place | Space

INTRODUÇÃO pg.1

I

O LUGAR pg.7

.identidade

.história

.tradição

O ESPAÇO pg.11

.evidência

.memória

.metamorfose

II

APROXIMAÇÃO À NARRATIVA CONCETUAL
DO LUGAR AO ESPAÇO pg.25

.LUGAR E PROGRAMA pg.29

.PROGRAMA E FORMA pg.31

.FORMA E MATERIALIDADE pg.41

CONSIDERAÇÕES FINAIS pg.49

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS pg.51

ANEXOS

.peças desenhadas

LISTA DE FIGURAS

- 001** Termas Stº António, Celorico da Beira – Guarda [Pg. ii]
FONTE: Autor.
- 002** o lugar, envolvente – Termas Stº António, 2017. [Pg. xii]
FONTE: Autor.
- 003** Localização das Termas Stº António, Celorico da Beira. [Pg. 4 a 5]
FONTE: Autor.
- 004** Atmosfera preexistente, oeste, 2017. [Pg. 6]
FONTE: Autor.
- 005** Acesso principal, Termas Stº António, 2017. [Pg. 10]
FONTE: Autor.
- 006** Antigo balneário termal, alçado este, 2017. [Pg. 12]
FONTE: Autor.
- 007** A metamorfose, esquisso de Siza Vieira. [Pg. 16]
FONTE: Fernando Guerra, Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/01-48388/arte-e-arquitetura-desenhos-ao-jantar-alvaro-siza]. 21/07/2017
- 008** Implantação – existente. [Pg. 18 a 19]
FONTE: Autor.
- 009** O espaço; conjunto construído-existente, 2017. [Pg. 20]
FONTE: Autor.
- 010** Evidências /condicionantes – Termas Stº António. [Pg. 21]
FONTE: Autor.
- 011** Serralves, Porto, Siza Vieira [Pg. 22]
FONTE: Autor.
- 012** Museo de Young, USA, Herzog & De Meuron. [Pg. 22]
FONTE: MEURON, Jacques Herzog, de, Pierre. El croquis 152-153. Editorial El Croquis, Madrid p. 162.
- 013** Templo Romano, Évora. [Pg.22]
FONTE: David Freitas, Disponível em [http://viverevora.blogspot.pt/2011/11/evora-perdida-no-tempo-criancas-brincar.html]. 21/07/2017
- 014** Casa das Histórias, Cascais, Souto Moura [Pg. 22] Fonte: Moura, Eduardo Souto de. El Croquis 2005-2009. Madrid: Editora El Croquis, 2009.
- 015** Casa em Fontinha, Aires Mateus. [Pg. 22]
FONTE: Fernando Guerra, Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/01-173496/casa-em-fontinha-slash-manuel-aires-mateus-plus-sia-arquitetura]. 21/07/2017
- 016** Casa Roduit, Suíça, Savioz Fabrizzi. [Pg. 22]
FONTE: Fernando Guerra, Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/623253/transformacao-da-casa-rodut-savioz-fabrizzi-architectes]. 21/07/2017
- 017** Igreja de Stª Maria, Álvaro Siza. [Pg. 22]
FONTE: [http://www.snpcultura.org/igreja_marco_canaveses_siza_vieira_15_anos.html]. 21/07/2017
- 018** Casa em Moledo, Souto Moura [Pg. 22]
FONTE: © Luis Ferreira Alves, Disponível em [https://divisare.com/projects/287583-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-house-in-moledo]. 21/07/2017
- 019** Piscina das Marés, Matosinhos, Álvaro Siza. [Pg. 22]
FONTE: [http://www.matosinhosport.com/gca/?id=440]. 21/07/2017
- 020** Cala House, Madrid, Campo Baeza [Pg. 22]
FONTE: [http://www.campobaeza.com/cala-house/]. 21/07/2017
- 021** Castillo de Matrera, Cádiz, Carlos Rojas. [Pg. 22]
FONTE: José Franco, Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/783837/restauracao-da-torre-medieval-de-cadiz-atentado-patrimonial-ou-projeto-valido]. 21/07/2017
- 022** Fundación Schaulager, Herzog & Meuron. [Pg. 22]
FONTE MEURON, Jacques Herzog, de, Pierre. El croquis 152-153. Editorial El Croquis, Madrid p. 133.

- 023** Termas de Vals, Peter Zumthor [Pg. 22]
 FONTE: Igor Fracolossi, Disponível em
[\[http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor/\]](http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor/). 21/07/2017
- 024** Couvent Sant Frances, Santpedor, David Clores [Pg. 22]
 FONTE: José Campos, Disponível em
[\[http://afasiaarchzine.com/tag/mendes-ribeiro/\]](http://afasiaarchzine.com/tag/mendes-ribeiro/). 21/07/2017
- 025** Casa na Chamusca, J. Mendes Ribeiro. [Pg. 22]
 FONTE: José Campos, Disponível em
[\[http://afasiaarchzine.com/tag/mendes-ribeiro/\]](http://afasiaarchzine.com/tag/mendes-ribeiro/). 21/07/2017
- 026** MIEC+MMAP, Álvaro Siza+Souto Moura. [Pg. 23] FONTE: João Morgado, Disponível em
[\[http://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura/\]](http://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura/). 21/07/2017
- 027** Convento das Bernardas, Souto Moura. [Pg. 23]
 FONTE: Luís Ferreira Alves, Disponível em
[\[http://hicarquitectura.com/2015/06/souto-de-moura-convento-das-bernardas/\]](http://hicarquitectura.com/2015/06/souto-de-moura-convento-das-bernardas/). 21/07/2017
- 028** Banhos de Roxalana, Istambul, Turquia. [Pg. 23]
 FONTE: CARRIÇO, Ana Patrícia da Silva - Metamorfoses do espaço termal. O caso das termas de S.Pedro do Sul. Covilhã: UBI, 2013.
- 029** House-Infinite, Campo Baeza. [Pg. 23]
 FONTE: [\[http://www.campobaeza.com/house-infinite/\]](http://www.campobaeza.com/house-infinite/).
- 030** Casa de Chá Boa nova, Álvaro Siza [Pg. 23]
 FONTE: Autor.
- 031** Caixa Fórum-Madrid, Herzog &Meuron. [Pg. 23]
 FONTE: Autor.
- 032** Residência Alcácer do Sal, Aires Mateus [Pg. 23]
 FONTE: Fernando Guerra, Disponível em
[\[http://www.archdaily.com.br/br/01-98258/residencias-em-alcacer-do-sal-slash-aires-mateus/\]](http://www.archdaily.com.br/br/01-98258/residencias-em-alcacer-do-sal-slash-aires-mateus/). 21/07/2017
- 033** Termas de Széchenyi, Budapeste [Pg. 23]
 FONTE: Autor
 21/07/2017
- 034** Museu Kolumba, Peter Zumthor [Pg. 23]
 FONTE: José Vazquez, Disponível em
[\[http://www.archdaily.com.br/br/01-58125/museu-kolumba-peter-zumthor/1281116907-4-custom/\]](http://www.archdaily.com.br/br/01-58125/museu-kolumba-peter-zumthor/1281116907-4-custom/). 21/07/2017
- 035** Banhos de semicúpio. [Pg.23]
 FONTE: [\[https://www.google.pt/search?q=Banhos+de+semic%C3%BApio.&client=safari&rls=en&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKewj1m4DZ78bVAhVlrRQKHxsZBc0Q_AUICigB&biw=947&bih=731#imgdii=uuDvkqHWRPyxWM:&imgsrc=ZANNhUxokL70UM:/\]](https://www.google.pt/search?q=Banhos+de+semic%C3%BApio.&client=safari&rls=en&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKewj1m4DZ78bVAhVlrRQKHxsZBc0Q_AUICigB&biw=947&bih=731#imgdii=uuDvkqHWRPyxWM:&imgsrc=ZANNhUxokL70UM:/). 21/07/2017
- 036** Casa da Arrábida, Souto de Moura. [Pg. 23] FONTE: José Campos, Disponível em
[\[http://josecamposphotography.com/arrabida-house-by-souto-moura/\]](http://josecamposphotography.com/arrabida-house-by-souto-moura/). 21/07/2017
- 037** Hotel Vidago Palace, Siza Vieira. [Pg. 23] FONTE: José Campos, Disponível em
[\[http://josecamposphotography.com/arrabida-house-by-souto-moura/\]](http://josecamposphotography.com/arrabida-house-by-souto-moura/). 21/07/2017.
- 038** Hotel H2O- Covilhã, Jorge Palma. [Pg.23]
 FONTE: Autor.
- 039** Filarmónica-Hamburgo, Herzog &Meuron [Pg.23]
 FONTE: MEURON, Jacques Herzog de, Pierre, El croquis 152-153. Editorial El Croquis, Madrid p.438
- 040** Casa Amarilla- Suíça, Valerio Olgiati. [Pg. 23]
 FONTE: OLGATI, Valerio. El Croquis 1996-2011. Madrid: Editora El Croquis, 2011. p.72 .
- 041** Atmosfera, Hans-Peter Seiffert - Peter Zumthor – 1992. [Pg. 24]
 FONTE: Hans-Peter Seiffert, Disponível em
[\[http://zumthor.tumblr.com/post/92456023178/peter-zumthor-1992-foto-hans-peter-seiffert/\]](http://zumthor.tumblr.com/post/92456023178/peter-zumthor-1992-foto-hans-peter-seiffert/). 21/07/2017.
- 042** Maqueta de trabalho [Pg.26]
 FONTE: Autor
- 043** Volumetria e composição. [Pg.32]
 FONTE: Autor.
- 044** Vista para o pátio interior. [Pg.36]
 FONTE: Autor.
- 045** Vista do interior da piscina para o antigo acesso. [Pg. 38] FONTE: Autor.
- 046** Axonometria [pg. 40] FONTE: Autor.
- 047** Vista interior da piscina. [Pg. 48] FONTE: Autor.



002
o lugar, envolvente - Termas Stº António, 2017.

INTRODUÇÃO

“Do lugar ao espaço: Metamorfose das termas Stº

António, Celorico da Beira”. O título desta dissertação indica dois momentos complementares, o primeiro – do lugar ao espaço – como reflexão que parte do lugar como matéria que condiciona o espaço arquitetónico; e o segundo – a metamorfose – como síntese entre o lugar e espaço que esboça uma mudança comum aos dois.

O processo de desenho do exercício de projeto para as antigas termas Stº António, situadas no concelho de Celorico da Beira, surge ligado à temática conceptual “do lugar ao espaço”. O projeto pretende refletir acerca dessas duas premissas, no esforço de compreender a evolução conceptual da forma arquitetónica proposta sobre o lugar.

É, de facto, do lugar ao espaço que o processo de desenho se inicia e evolui. Pode dizer-se que ele próprio poderá ser uma “falácia”, no sentido em que todos os projetos partem de um lugar de implantação a fim de criar um espaço, pois cabe ao arquiteto captar o espírito de cada lugar de modo a evitar um modelo único e generalizável. Porém, tal preocupação centra-se, sobretudo, em descrever esta prática de projeto enquanto memória descritiva e explicativa do mesmo. Consequentemente, a prática de projeto pode resultar em dois tipos de intervenções, isto, no que diz respeito à consideração da identidade histórica preexistente: alteração ou permanência. Sobre este último, é importante manter um distanciamento em relação ao contexto construído, de forma a transportar os problemas reais da intervenção para o âmbito mais conceptual. Esta atitude pode refletir um afastamento em relação à conservação e restauro, pois, interessa uma postura mais livre. Então, o objetivo passa por: compreender o papel do lugar e do espaço como uma metamorfose, isto é, como continuidade entre natureza e construção.

Decifrando o lugar e, consequentemente, recordando a primeira visita, sublinha-se o cenário de abandono e a clara necessidade de uma nova dinâmica como instrumento de inquietação e da indagação temática. As ruínas, que, apesar de não possuírem valor arquitetónico, são a memória do passado e valor cultural do lugar. O manter estes elementos reforça a ideia de um projeto que pode ser descrito à luz de aspetos relativos ao mesmo. Portanto, ao integrar a ruína como forma e solução conceptual, naturalmente poderá criar-se um vínculo entre lugar e objeto.

Este raciocínio resulta dessa mesma vontade se assumir como fator determinante na definição do processo crítico, e que transforma este tema num ponto essencial na análise do projeto. Assim, perceber a relação entre o lugar e o projeto torna-se indispensável para a contextualização, não só sentido formal, mas também conceptual. Deste modo, o lugar permite incorporar questões mais essenciais ao processo de configuração formal, tendo sempre em conta o novo programa na organização do espaço.

A possibilidade de refletir tal relação entre lugar e arquitetura, associada à experimentação e à tectónica dos materiais, pretende revelar-se o lado mais intrigante e sedutor no percurso deste trabalho, enquanto forma de reflexão sobre a própria arquitetura.

Presentes todas as motivações que conduziram a este processo, pretende-se que o desenvolvimento desta dissertação se estruture em dois momentos, que representam a forma evolutiva da proposta, e que nos levem ao seu entendimento. Explicar a proposta enquanto reinterpretação e consequência do diálogo entre paisagem e intenção.

Num primeiro momento é realizada uma reflexão e contextualização de lugar, recorrendo a conceitos como identidade, história e tradição, sempre na perspetiva do desenho como desenvolvimento da ideia de lugar. Aqui, é introduzido o conceito “*Genius Loci*” o “espírito do lugar” em que Norberg-Schulz descreve a importância da relação do lugar e da sua identidade, como tentativa de articular o tema de espaço e lugar, aproveitando a memória deste para a conjugação com o novo, de forma a não perder as características do lugar. Antevê-se a pertinência em explorar estes conceitos, na forma de desenhar e repensar os espaços, com o objetivo de tirar o máximo partido e assim exprimir uma máxima eficiência programática.

O segundo momento estrutura-se pela narrativa do projeto e de todas as condicionantes que conduziram à sua solução. Assim, o programa e forma são uma mera reinterpretação do próprio lugar, como síntese de aquilo que irá somar ao lugar.

Pretende-se, como reflexão final, uma abordagem com incidência no questionamento conceptual do problema, programa e projeto cujos limites se esbatem tanto no conceito como na prática, de modo a resolver todas as ideias, dúvidas e certezas necessárias à condição do lugar e do programa.



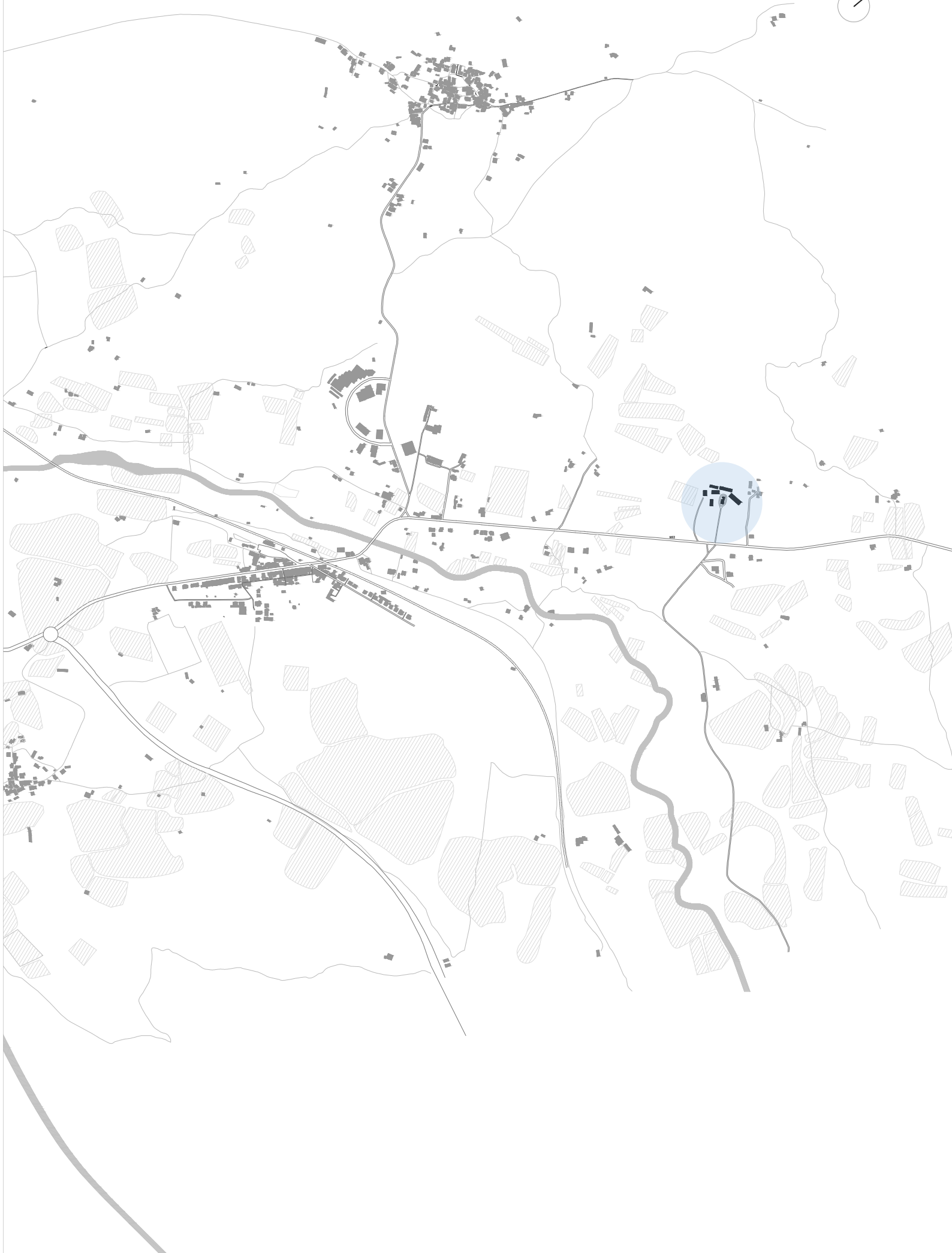
o lugar | identidade | história | tradição

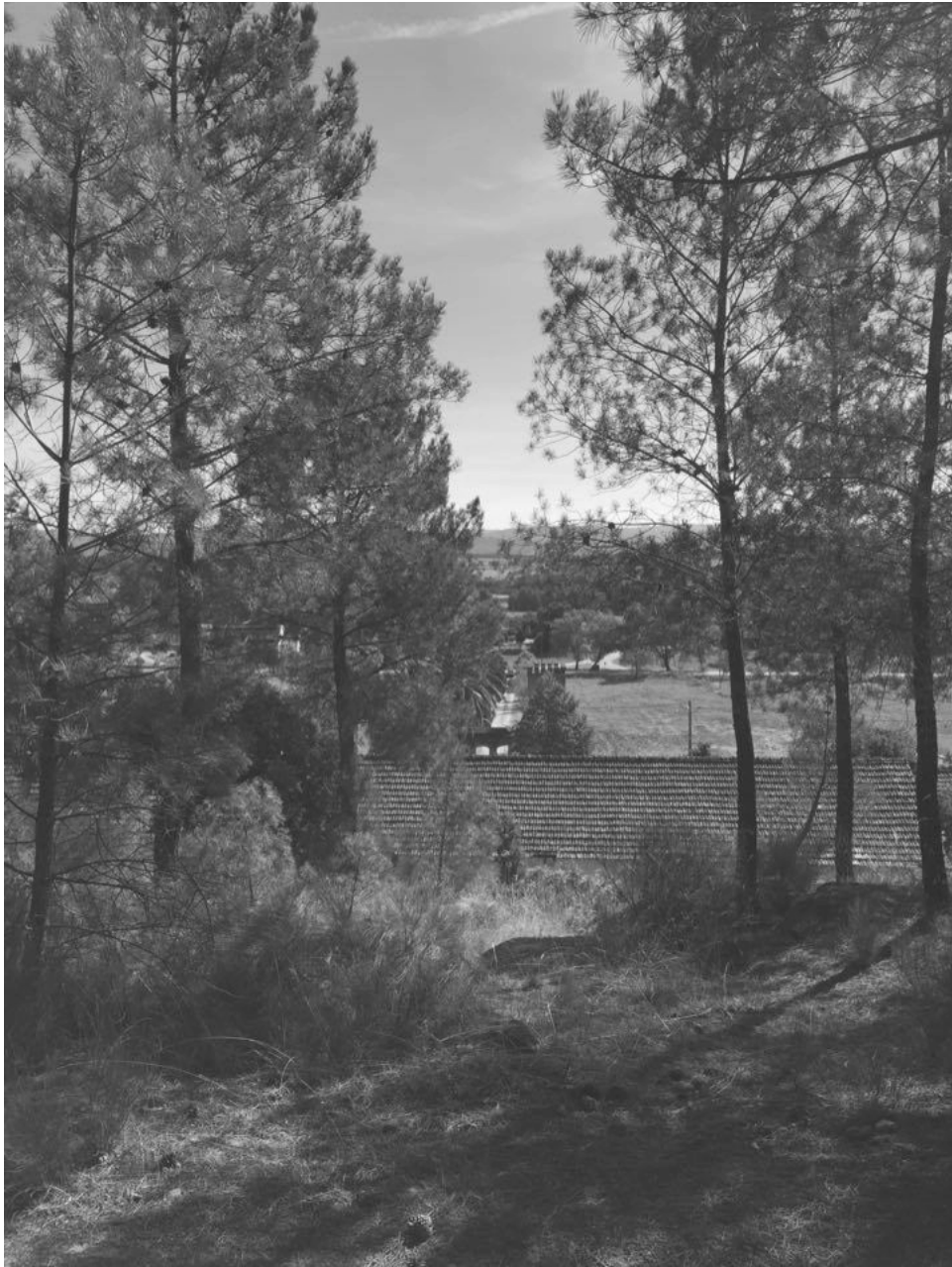
o espaço | evidência | memória | metamorfose

003
Localização das Termas Stº António, Celorico da Beira.

● Celorico da Beira ● Termas Stº António







004
Atmosfera preexistente, oeste, 2017.

O LUGAR Aqui reside uma paisagem, uma atmosfera definida por substantivos concretos, “por valores simbólicos e históricos”¹. Definida por uma envolvente preexistente, é marcada por uma vivência onde se revela uma identidade e uma singularidade própria que mantém o espírito e o carácter único do lugar.

*“cada lugar é único e irrepetível, gerando um conjunto de possibilidades que variam profundamente no nosso território. Esta condição permite uma profunda diversidade que se deve aproveitar ao limite, tendo em conta os seus recursos naturais.”*².

Em qualquer intervenção, o lugar é dos fatores mais determinantes “um preliminar obrigatório”³. São as relações que se estabelecem no lugar que, conjugadas com a intenção de projeto, vão atribuir significado arquitetónico. No entanto, o seu valor e simbologia ultrapassam as meras características físicas, pelo que é preciso salientar que o lugar traduz-se não só em valores quantitativos, mas sobretudo, qualitativos.⁴ Riegel vem confirmar esta noção ao refletir sobre a atitude da arquitetura em relação ao contexto do lugar. Justifica que a prática projetual juntamente com a reflexão conceptual são o meio para permitir a ligação entre arquitetura e espaço e entre conceito e lugar. Assim, o lugar pressupõe a afirmação de um determinado carácter ou atmosfera, que enquanto elemento qualitativo possui uma abrangência para além das relações programáticas que, embora muito significativas, não são determinantes no projeto.

Neste sentido, pretende-se estimular as possibilidades do lugar, de forma a procurar a singularidade da paisagem. O carácter único do lugar é determinado pelas especificidades próprias e por fenómenos concretos que o constituem, os quais possibilitam e condicionam as vivências ao criar um determinado ambiente, e que, portanto, formam a sua identidade. - *“uma conexão experimental, uma ligação metafísica, uma ligação poética”*⁵.

identidade

Enquanto definição, do étimo latino, lugar designa o “espaço ocupado ou que pode

¹ MONTANER, Josep Maria – A modernidade superada, Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2001, p.31.

² SANTIAGO, Miguel – Pensamentos X Cidade| Arquitetura| Pedagogia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013, p. 97.

³ DE CERTEAU, Michel - L'invention du quotidien 1. arts de faire, Éditions Gallimard, Paris, 1990, p. 33.

⁴ RIEGL, Alois – O Valor de Arte Relativo, 1903, in AAVV, Teoria e Crítica de Arquitetura, Século XX, Lisboa, Ordem dos Arquitetos e Calendoscópio, 2010, p.45.

⁵ HOLL, Steven - Anchoring, Princeton Architectural Press, Universidade de Michigan, 2007, p113.

*ser ocupado por um corpo*⁶. Segundo a definição e a origem da palavra, entende-se que o lugar é espaço ocupado, ou seja, paisagem construída ou habitada.

Enquanto conceito físico, fenomenológico e ontológico, o lugar tem suscitado diversas discussões no âmbito da crítica arquitetónica contemporânea. Tais discussões, sublinham a importância do lugar na formulação das ideias e das intervenções do arquiteto, sobretudo a compreensão sobre a relação do Homem no que diz respeito à memória do lugar - *“O lugar é espaço/tempo. Simbiose que a existência vivida proporciona.”*⁷ - pois a importância do Homem ao lugar é marcada pela sua permanência no tempo.

O lugar é “vivência”, do qual, se estrutura a partir do meio que o envolve, numa paisagem e numa ocupação vivenciada. Esta vivência entre indivíduo e espaço caracteriza a permanência do passado no presente em que a modernidade não apaga as essências próprias do lugar, os “lugares de memória”, as preexistências: *“identitário, relacional e histórico”*⁸, no desejo da universalidade da arquitetura: *“o universal é o local sem paredes”*⁹ no sentido, em que a validade formal do espaço, isolada, não seria suficiente para compreender uma continuidade histórica do lugar. Assim a criação de espaços é dada pelas dinâmicas sociais que memorizam, e constituem, uma imagem identitária do lugar.

história

Nesse sentido, a consideração da memória é fundamental para a definição de um caminho que possibilita e contribui na forma de lidar sobre o antigo e o novo. Hoje, *“os lugares já não são interpretados como recipientes das existências permanentes, mas entendidos como intensos focos de acontecimentos, concentrações de dinamismo, torrentes de fluxos de circulação, cenários de factos efémeros, cruzamentos de caminhos, momentos energéticos.”*¹⁰.

Na verdade, a história constrói a essência do lugar e confere memória e identidade, não permitindo a alteração da sua essência ou pelo menos mostrando-nos o que é importante preservar, porque a história deve compreender toda a evolução, bem como a mutação como ensinamento para o presente e futuro. Assim *“é universalmente reconhecida a íntima relação existente entre a experiência da arquitectura actual e o conhecimento da do passado; qualquer decisão prática implica um juízo histórico sobre os acontecimentos anteriores, que justificam a operação a realizar hoje, e cada juízo histórico tem implícita uma orientação que pode ser utilizada no campo prático.”*¹¹

⁶ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, Disponível em: www.priberam.pt/dlpo/lugar [consultado a 15 de junho de 2017].

⁷ RODRIGUES, Jacinto - Álvaro Siza, obra e método, Editora Civilizações, Porto, 1992, p.28

⁸ AUGÉ, Marc - Não-Lugares Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade, 90Graus, Lisboa, 2009, p. 65.

⁹ TORGA, Miguel - "Traço de União", 2ª. ed. revista, Coimbra, s/d (1969), p. 69.

¹⁰ MONTANER, Josep Maria - A modernidade superada, Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2001, p.44.

¹¹ BENEVOLO, Leonardo - Introdução à Arquitetura, Edições 70, Lisboa, 2007, p.9.

Enquanto memória, o lugar e ruína serão elementos essenciais na relação com o projeto arquitetónico. A verdade é que, Christian Norberg-Schulz descreve a importância da relação do lugar e da identidade como sendo o “*Genius Loci*”¹², isto é, o reconhecimento de todos os elementos culturais que levam a estruturar a partir do desenho, da forma, dos materiais e até da função, a conjugação para que exista identidade entre o objeto construído e o espírito do lugar. Portanto para Schulz “*a arquitetura é a arte do lugar cujo objetivo é criar imagens do mundo*”. *a arquitetura implica uma interpretação do lugar – o genius loci “Eliminando o lugar elimina-se ao mesmo tempo a arquitetura... o espaço existencial consiste sempre em lugares.”*¹³.

No entanto para entender o lugar enquanto memória, torna-se necessário reconhecer o valor da tradição como vestígio do passado, ou seja, falta-nos compreender o sentido de pertença do Homem no território. A tradição é a origem do nosso conhecimento e o filtro com o qual avaliamos o que nos rodeia, são as memórias passadas que dão significado às nossas experiências e que ao fazerem parte da nossa memória, nos inserem num determinado contexto.

tradição

*“O Homem habita quando se consegue orientar e identificar-se a si próprio com o meio envolvente ou, quando experimenta a envolvente como significativa.”*¹⁴.

Interessa entender o lugar como sinónimo de paisagem preexistente, naquilo que ela representa enquanto ação transformadora do homem sobre a natureza e como exercício de reanimação atual na forma de permanecer o espírito do lugar em alternativa à construção de raiz, não negando a configuração do lugar preexistente.

*“A Arquitetura deverá ser, pois, fundada em continuidade com o que a tradição de cada lugar configurou no desenrolar da sua história particular.”*¹⁵.

Em suma, pretende-se uma relação que responda à necessidade de criar uma nova dinâmica de tensão entre o existente e o envolvente que, através de um processo impulsionado pelo conhecimento e entendimento dos valores do lugar e da sua envolvente, concede significado à proposta. “*o sentido nasce quando se consegue criar no objecto arquitectónico significados específicos.*”¹⁶. Neste sentido, a relação entre lugar e projeto, segundo os termos aqui desenvolvidos, não é formal ou figurativa, mas sim conceptual. O lugar quer incorporar um conteúdo interpretativo da sua implantação no sentido em que a proposta é a procura intuitiva da síntese de uma única paisagem.

¹² NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci – paesaggio ambiente architettura*, Ed. Mondadori Electa, Itália, 1979, p. 169.

¹³ MONTANER, Josep Maria – *A modernidade superada*, Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2001, p.41.

¹⁴ NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, in, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, Amílcar de Gil e Pires, ARTITEXTOS06. 2008, p.116.

¹⁵ BAEZA, Alberto Campo – *A ideia construída*, 5ª Edição, Caleidoscópio .SA, Casal de Cambra, 2013, p.26

¹⁶ ZUMTHOR, Peter - *Pensar a arquitetura*, Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2005, p.10.



005
Acesso principal, Termas Stº António, 2017.

O ESPAÇO

Pretende-se assumir o espaço e absorver o espírito do lugar, não sobrepondo a proposta ao lugar, mas entendê-lo como processo de reinterpretação da ruína. Ruínas essas que vão ser como elemento integrante do desenho sobre o espaço, e cuja existência submete-se ao exercício de novas situações:

*“O problema do desenho não existe; existe o problema do redesenho. Desenhar deve ser um fenómeno de inteligência, e desenhar do zero é um fenómeno de estupidez, porque é perder um legado de informação disponível. Portanto, tem de se perceber o fenómeno em que se vai inserir.”*¹⁷.

O espaço ganha significado com a intervenção do homem, criando, assim referências ao lugar. Enquanto o lugar é subjetivo e estático, o espaço é definido como a *“animação desses lugares”*¹⁸ através da arquitetura. No espaço revela-se a experiência do viver, vivenciar, experienciar e sentir através do carácter do Homem, destinada a criar ordem de espaços ao relacionar o Homem com o lugar.

*“[...]espaço é algo espaçado, arrumado, liberado, num limite [...] O limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência.”*¹⁹.

*“O espaço, portanto, tem uma natureza estacionária, onde os objetos estão colocados distintamente uns em relação aos outros, implicando uma delimitação própria a cada um deles, transmitindo, como consequência, uma ideia de estabilidade”*²⁰. Essa ideia de estabilidade é determinada a partir de uma configuração espacial de uma paisagem e de uma forte relação entre natureza e construção. Deste modo, pretendemos que o espaço seja o resultado de uma reflexão ao nível do lugar, seja no questionamento da forma e das sensações que a arquitetura transporta e transmite ao Homem - carácter essencial que *“está no facto de agir com um vocabulário tridimensional que aceita o homem”*²¹.

Neste sentido, a arquitetura vai além das dimensões dos elementos construtivos que delimitam o espaço pois cria lugares que são mais do que simplesmente um espaço

¹⁷ MOURA, Eduardo Souto de – Eduardo Souto de Moura, Blau, Lisboa, 1994, p.30.

¹⁸ AUGÉ, Marc - Os não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade, p. 71.

¹⁹ HEIDEGGER, Martin - Ensaios e Conferências, 2.ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p. 134.

²⁰ MACIEL, Ulisses - Não-lugares: Um olhar sobre as metrópoles contemporâneas, vitruvius, [s. pág].

²¹ ZEVI, Bruno – Saber Ver a Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.17.



006
Antigo balneário termal, alçado este, 2017.

singular. O espaço assume uma “complexidade interpretativa”, que bem poderíamos chamar de “*matéria da arquitetura – que Norberg-Schulz sintetiza em a massa e o espaço*”²² numa articulação coerente entre espaço existencial e lugar. Assim, o desafio será: procurar um compromisso entre o espaço e o lugar; ou seja, entre a proposta arquitetónica e a paisagem, através do redesenho da preexistência como instrumento de síntese dessa interpretação e realização desse lugar que, por sua vez, adquire um novo carácter, sem perder a identidade - a história do lugar.

Neste processo, destaca-se Peter Zumthor²³ e a sua filosofia para uma arquitetura que pretende ser vivida e sentida. A natureza da sua obra surge dos elementos que compõem o espírito dos lugares. Neste sentido, podemos afirmar que a partir desta abordagem sensorial, Peter Zumthor esclarece-nos acerca da sua prática, baseando-a na experimentação e na correspondência entre elementos físicos e metafísicos²⁴ do espaço. Os seus textos demonstram com clareza esta forma de estar perante a arquitetura e elucidam-nos sobre o que julgamos ser o seu processo que explora a aproximação entre o desenho e espaço.

O espaço em estudo representa a memória de um balneário termal esquecido, situado num meio rural marcado por uma topografia e envolvente característico da beira alta. Regista a sua construção desde o século XIX, com o primeiro edifício de torre acastelada erguido no ano de 1872²⁵, já com função de balneário termal, assumindo a presença principal como elemento estruturador do lugar.

evidência

A evolução da sociedade e a modernização exigente desta prática, levou à desativação da unidade termal, e desde então o espaço encontra-se sem funções, (Fig.006). Hoje, o espaço enquanto balneário encontra-se em ruína, sem qualquer função, mas, apesar disso, as pessoas continuam a recorrer à riqueza natural do lugar, principalmente à água mineral, pela procura dos benefícios terapêuticos que ela proporciona através do seu consumo.

Os temas associados ao significado do lugar e à importância deste para a continuidade espacial, revelaram-se essenciais na compreensão de que forma o espaço poderia ser recriado a partir da ruína, salientando-se para isso a importância da memória e da identidade do lugar. A memória representa por si só um imaginário de sensações que determina o espaço ao provocar reações no utilizador que o percorre e vivencia. Nesse sentido, será importante transportar a familiaridade da ruína e da presença natural das referências do lugar para a base do projeto.

memória

²² MONTANER, Josep Maria – *Arquitetura e Crítica*, Gustavo Gili, Barcelona, 2007, p.88.

²³ ZUMTHOR, Peter – *Pensar a Arquitetura*, Gustavo Gili, Barcelona, 2009, p16.

²⁴ Metafísica é uma palavra com origem no grego e que significa "o que está para além da física". É uma doutrina que busca o conhecimento da essência das coisas.

²⁵ RODRIGUES, Adriano Vasco – *Celorico da Beira Monografia Histórica e Artística*, Rocha/artes gráficas, 1992, p.17.

Assim, podemos afirmar que o presente e o passado possibilitam um conjunto de interações entre pessoas e território, organizando estruturas com história e identidade. A ruína revela o caráter estruturador do lugar, e enquanto acumulador de memórias, valores e ocupações, assume o valor cultural que pretende ser desenhado criando novos espaços. O interesse em manter a ruína está na coexistência dos dois tempos, encontrando o ponto de equilíbrio, *“o hoje constrói-se sobre o ontem, assim como o ontem se construiu sobre o anteontem.”*²⁶.

A história e cultura do lugar é importante para o processo de conceptualização, assim como todo o seu envolvente construído, a fim de compreender toda a sua relação simbólica da memória. Interessa-nos perceber de que forma estes elementos poderão influenciar o processo de trabalho na constituição do objeto. Neste sentido, torna-se necessário referir Siza Vieira quando diz que *“a ideia está no «sítio»*²⁷. Efetivamente, a ruína assume a força de todo o projeto, e sem essa condição o espaço assumiria outra postura. Do mesmo modo, Siza Vieira destaca a importância que a memória tem no processo de execução dos seus projetos, encarando-a como *“um desafio à inovação.”*²⁸ A inclusão da memória no ato de projetar, segundo Siza, leva-o a considerar que o seu trabalho contempla *“conflitos, compromissos, mestiçagem, transformação.”*²⁹.

Exige-se ao projeto uma resposta para uma nova função de paisagem, no qual o espaço terá de colocar em evidência os elementos estruturais originais, num processo que se quer unificador. É importante questionar o velho e o novo, a adição e a subtração, sobre o construir ou demolir: exigindo a harmonia entre uma realidade existente e uma evidência de espaço. Nesse sentido, a metamorfose surge como conceito unificador do lugar que pretende reorganizar o espaço assumindo uma nova forma e tempo. O objetivo é: a *“organização harmónica daquele espaço com que a natureza nos prodigalizou”*; e *“organizar espaço supõe uma manifestação de vontade, um sentido.”*³⁰, de forma a responder às condicionantes que uma preexistência impõe: *“desde o ponto de vista do tratamento de um espaço, da potencialidade artística desse tratamento e de sua configuração formal, se diluem as diferenciações entre a construção do ambiente e a intervenção nos elementos naturais desse espaço. [...] espaço recriado abrange tanto o ambiente construído como o espaço natural modificado pela atividade humana.”*³¹.

metamorfose

²⁶ LOOS, Adolf – Adolf Loos: escritos, El Croquis, Madrid, 1993, p. 75 (tradução livre: “ El hoy se construye sobre el ayer, así como el ayer se construyó sobre el anteayer.

²⁷ SIZA, Álvaro – Escritos, Barcelona, Edicions UPC, 1994, p.17.

²⁸ Id. – oito pontos. in «01 Textos». Ed. Carlos Campos Morais. p.28

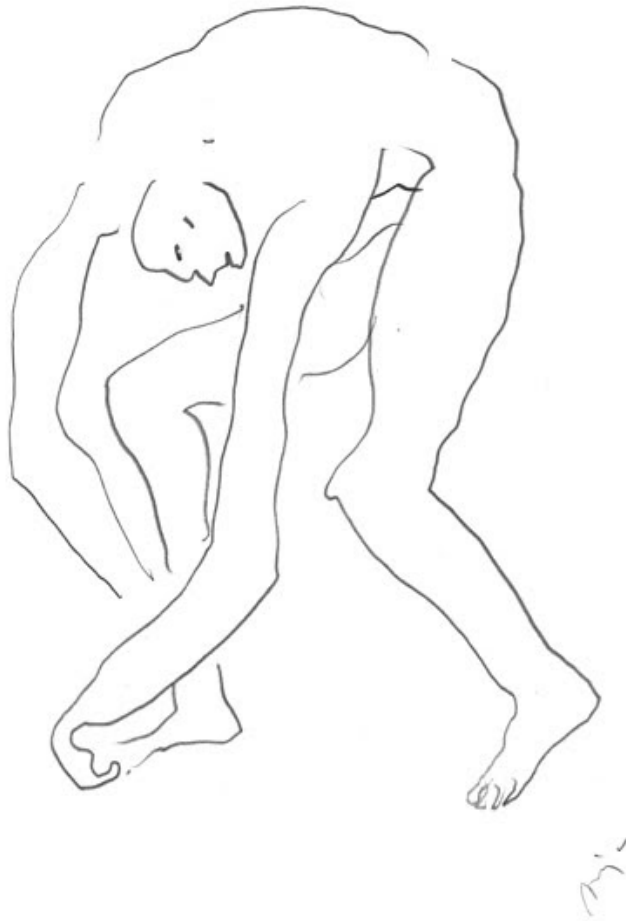
²⁹ Ibidem, p.29

³⁰ TÁVORA, Fernando – Da Organização Do Espaço, Porto: FAUP publicações, 2006, p.14.

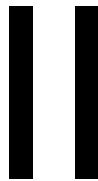
³¹ BOADA DOMENECH, Luis – O espaço recriado, Nobel, São Paulo, 1991, p.88.

Portanto, tornou-se essencial compreender neste primeiro momento os domínios da realidade do espaço, das possibilidades e direções requeridas para o projeto. Na prática formulamos o problema para que depois se desenvolva o processo conciliando o programa com as evidências do lugar, até encontrar o ponto de equilíbrio do lugar, de forma precisa. *“A questão central dos nossos dias será promover um equilíbrio e interligação entre a construção e o meio envolvente, entre a arquitectura e o território, entre sociedade e o indivíduo; [...]”*³².

³² SANTIAGO, Miguel – Pensamentos X Cidade| Arquitetura| Pedagogia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013, p.97.



007
A metamorfose; esquisso de Siza Vieira.



aproximação à narrativa conceptual | do lugar ao espaço

o lugar e programa | problema

programa e forma | chegar | integrar | organizar

forma, materialidade e representação | projeto



008
Implantação - existente, Termas Stº António.



Localização: Forno Telheiro,
Celorico da Beira, Guarda.
Exploração: Pedreira de Pato
Vermelho.
Funcionamento: 1920 -1975.
1º Proprietário: Sr. Visconde da
Granja do Tedo.
2º Proprietário: Armando Luís
Amaral - (atualmente proprietário:
esposa, Guilhermina Inácio Amaral).
Reconhecimento: Dr. Charles
Lepierre, 1909 e 1931
Estudos Geoambientais:
Pf. Dr. Luís Ferreira Gomes,
2006.

Classificação da água mineral:
Sulfúrea, Sódica fluoretada,
silicatada, hipotermal, com
mineralização da ordem 400mg/l.³³
Área do lote (m²): 36 085.93 m²
Área total de implantação -
existente: 2 278.48m²
Área a demolir: 1 337,6m²
Área a construir: 5 586,61m²
Área total de implantação -
proposta: 7 388.76m²
Atividade Proposta: Hotel Termal.



009
O espaço; conjunto construído-existente, 2017.

³³ D'ALMEIDA, Dr. Amaro e João D. de Almeida -Inventário Hidrológico de Portugal, Beira Alta. 3ª Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, 1975, p. 127.



010
Evidências /condicionantes – Termas Stº António.

Situado a 6 Km da vila histórica de Celorico da Beira, distrito da Guarda, junto à estrada nacional N102 que liga Celorico – Trancoso, a cerca de 1 km da estrada, surge um conjunto de edifícios em ruína envolvidos por uma paisagem natural.

As Termas de Stº António erguem-se na década de 1920, devido ao reconhecimento da qualidade da água mineral da zona, que, antes da construção do balneário, já era muito procurada por pessoas que recorriam aos seus benefícios terapêuticos.

Inicialmente o lugar era ocupado por apenas dois edifícios: um pequeno edifício de balneários, com torre do tipo acastelada que servia como depósito de água [1]; e um edifício hotel-casino [2] com cerca de 700m², que explorou a riqueza associada as práticas termais.

Atualmente no lugar não é desenvolvida nenhuma atividade termal e, ao longo dos anos, os terrenos associados às termas passaram a ser explorados para atividades agrícolas, o que levou à construção de quatro anexos agrícolas - sendo dois de maior dimensão [3] uma vinha e uma habitação [4].

Morfologicamente, o terreno insere-se a uma cota mais alta em relação à estrada N102, e não é plano. Apresenta diferentes variações de cotas, especialmente um ligeiro declive ascendente desde o lado este para oeste. As termas ocupam uma posição intermédia entre o lado mais baixo da estrada (este) - com cerca de 4m a baixo do nível da estrada - e o lado mais alto (a oeste).



011 Serralves, Porto, Siza Vieira



012 Museo de Young, USA, Herzog & De Meuron



013 Templo Romano, Évora



014 Casa das Histórias, Cascais, Souto Moura



015 Casa em Fontinha, Aires Mateus



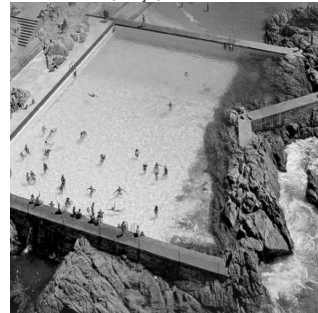
016 Casa Roduit, Suíça, Savioz Fabrizzi



017 Igreja de Stª Maria, Álvaro Siza



018 Casa em Moledo, Souto Moura



019 Piscina das Marés, Matosinhos, Álvaro Siza



020 Cala House, Madrid, Campo Baeza



021 Castillo de Matraera, Cádiz, Carlos Rojas



022 Fundación Schaulager, Herzog&Meuron



023 Termas de Vals, Peter Zumthor



024 Convent Sant Frances, Santpedor, David Clòs



025 Casa na Chamusca, J. Mendes Ribeiro

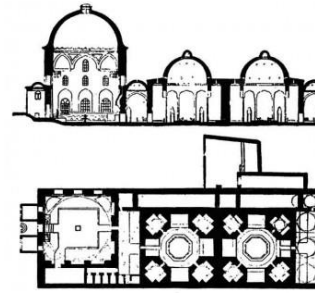
Mapa de Referências*



026 MIEC+MMAp, Álvaro siza+Souto Moura



027 Convento das Bernardas, Souto Moura



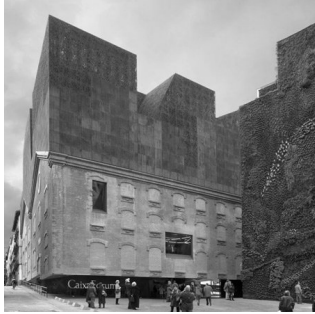
028 Banhos de Roxalana, Istanbul



029 House-Infinite, Campo Baeza.



030 Casa de Chá Boa nova, Álvaro Siza



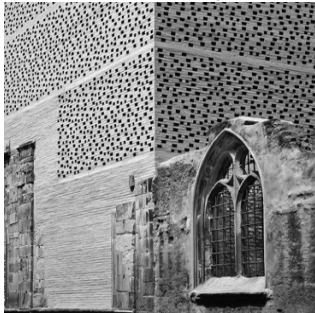
031 Caixa Fórum-Madrid, Herzog & Meuron



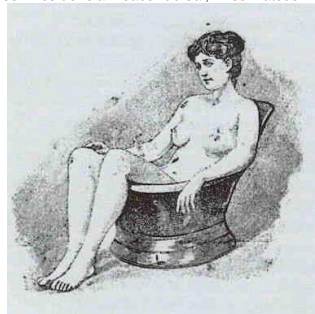
032 Residência Alcácer do Sal, Aires Mateus



033 Termas de Széchenyi, Budapeste, 2016



034 Museu Kolumba, Peter Zumthor



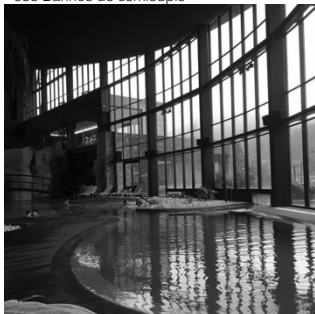
035 Banhos de semicírculo



036 Casa da Arrábida, Souto de Moura



037 Hotel Vidago Palace, Siza Vieira



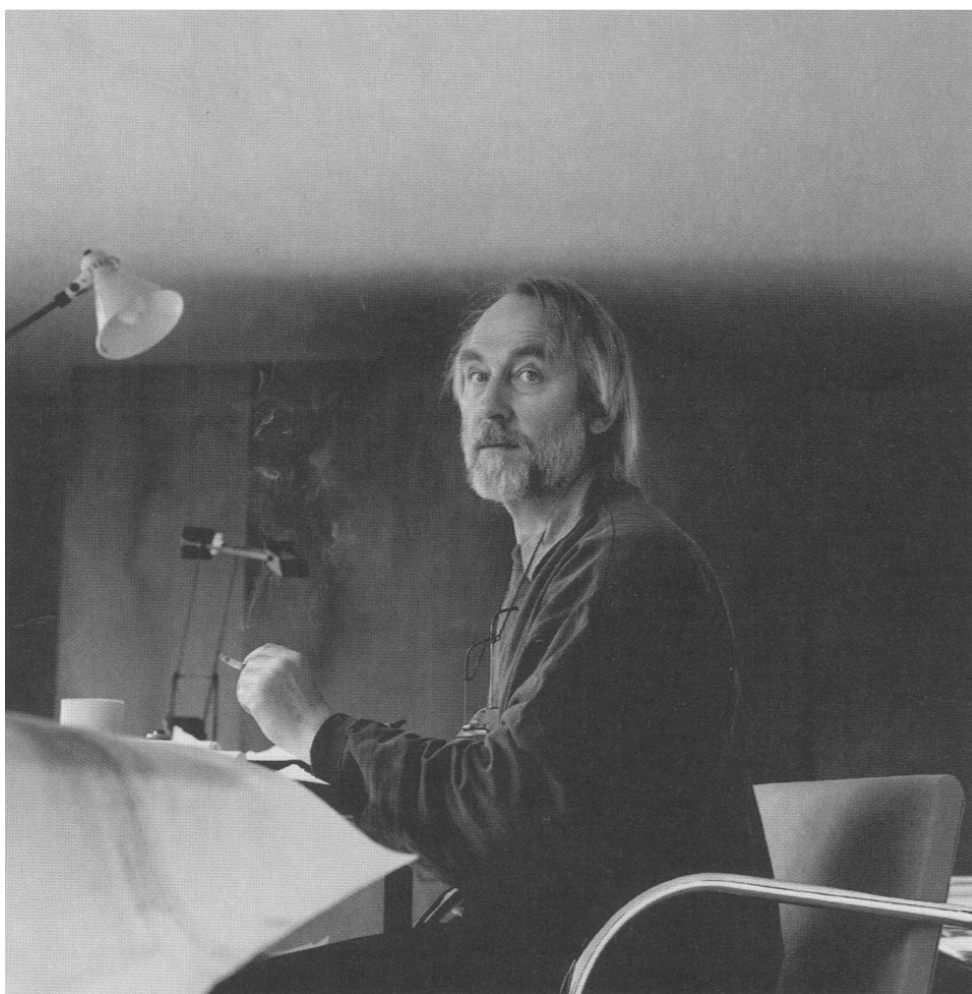
038 Hotel H2o -Covilhã, Jorge Palma.



039 Filarmónica-Hamburgo, Herzog & Meuron



040 Casa Amarilla- Suíça, Valerio Olgiati.



041
Atmosferas, Hans-Peter Seiffert - Peter Zumthor – 1992.

APROXIMAÇÃO À NARRATIVA CONCEPTUAL

Perante todas as

motivações e reflexões dos conceitos abordados no primeiro momento, pretende-se explicar as decisões de projeto que foram levantadas ao longo do processo: pela insatisfação, e pela procura de uma reinterpretação que melhor respondesse ao programa e à envolvente existente.

A ideia que sustenta a proposta teve em atenção a compreensão do contexto, que resultou na inversão do panorama atual do espaço. Neste sentido, aposta-se no desenvolvimento do mercado de turismo e lazer, e tirar partido da sua cultura e riqueza natural ao encaminhar o projeto para uma vertente mais sustentável e propor um novo complexo turístico, onde a saúde e o bem-estar terão um importante papel na economia da zona.

Por esta razão, o espaço terá em primeiro lugar, de adquirir uma nova “dimensão”; e em segundo lugar, manter a identidade do lugar, recriando o espaço a partir da sua memória.

Provavelmente, a segunda razão foi a mais influente para lidar e reagir ao problema. Houve uma certa necessidade de perceber a importância de manter a identidade como princípio de projeto, pois muitas vezes representa os motivos para manter a qualidade do espaço. Assim, as ruínas existentes representam o “princípio e a envolvente” necessária para influenciar a construção da forma do projeto. Tal como Zumthor refere:

“Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo.”³⁴

Esta instância pode ser vista como uma utopia, mas se formos à procura de referências verificamos projetos, com maior ou menor expressividade, onde as premissas dos mesmos assentam na condição do lugar, e não propriamente em aspetos formais de primeira instância; podemos verificar, por exemplo, em projetos

³⁴ ZUMTHOR, Peter – Pensar a arquitectura. Gustavo Gili, Barcelona, 2009, p.17.



042
Maqueta de trabalho.

de Peter Zumthor ou até mesmo, de Souto de Moura – apresentados anteriormente no “mapa de referências” onde estes arquitetos revelam a sua posição ao lidar com o lugar.

Acreditamos numa evolução intuitiva da estratégia a propor, a qual adquire, conceptualmente, a resolução plástica e formal do projeto. Neste sentido, julgamos constituir o “*genius loci*” do projeto, apoiado no processo e nas diferentes fases da ideia. Esta vontade quer, de certa forma, criar uma relação de irreverência, na incidência de assumir entre a proposta e a paisagem uma metamorfose recriadora de uma paisagem construída. O lugar e espaço adquirem, assim, uma unidade como mudança comum.

Conceptualmente, a ideia sustenta a premissa de procurar estabelecer um diálogo equilibrado, quer na forma quer no tempo, entre o passado do lugar e o que seria a proposta do hotel termal. Assim, o lugar é visto como elemento que se transforma a partir da proposta atingindo um equilíbrio entre paisagem construída e a memória, ou seja, entre integração do existente com a sua história e os novos espaços. Pretendemos que a ruína constitua a própria obra como projeto, estabelecendo-se como o ponto de partida para a construção da narrativa conceptual e projetual que ganha significado ao combinar a vida contemporânea com a história do lugar.

O desejo de manter a ruína resulta da vontade de “*manter essa pretensão de ser quase obra natural, anónima.*” [...] *Há duas maneiras de ver a ruína: pode ser usada, e pode-se fazer História da Arquitetura com História das Ruínas. O fim dos edifícios é serem boas ruínas, como dizia Perret.*”³⁵.

Reconhecemos o valor dessas existências e a sua capacidade de se integrarem com os elementos do presente, tendo em vista a conseguir um equilíbrio entre os valores do passado e as inevitáveis respostas ao que hoje exigimos em termos de conforto.

*“A arquitetura expressa o seu carácter quando se integra na paisagem de modo afirmativo, através duma composição formal forte e reveladora duma identidade própria”*³⁶.

Por último, pode afirmar-se que no momento onde a intervenção vai além da ruína, cria-se uma sobreposição de linguagens que adaptam à espacialidade. Este processo manifesta-se sobretudo através da adição de matéria que faz a continuidade entre objeto construído, a ruína e o próprio ambiente.

³⁵ MOURA, Eduardo Souto de – Eduardo Souto de Moura, Blau, Lisboa, 1994, p.28.

³⁶ PIRES, Amílcar Gil e, Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, 2008, p.17.

Considera-se a reutilização da ruína como uma possibilidade positiva e fundamental para a reorganização do lugar, passando assim a ser construído com um conjunto de questões que incentivam novas leituras e apropriações de uma proposta que induza a uma estrutura mais flexível.

Assim, o projeto evidencia três momentos distintos: conservação, demolição e construção - no sentido de se recriarem ou acrescentarem novos espaços. Esta consciência evolutiva do projeto esclarece o percurso da metamorfose da paisagem e da sua história, cujo resultado é uma solução unitária sob a mesma regra: o lugar como corpo do projeto.

LUGAR E PROGRAMA

Na aproximação ao lugar, que origina a narrativa conceptual proposta, o projeto para as termas Stº António desenvolve-se segundo uma série de ambições que resultam de sentimentos e emoções baseadas num entendimento de experiências. A associação destas experiências desenvolve-se através da relação interior e exterior do projeto e pelos seus materiais. Existindo uma sincronia constante entre os ambientes propostos, e os momentos capturados pelos diversos espaços referentes ao enquadramento da paisagem, a proposta possui três variantes essenciais para a sua definição: o espaço, o lugar e o programa.

O programa desenvolve-se a partir de duas ruínas preexistentes, o hotel-casino e o antigo balneário. Os quatro anexos agrícolas serão demolidos por não integrarem as exigências do novo programa, não transmitirem qualquer valor de memória ao lugar e por estarem desintegrados dos dois edifícios considerados a manter. A casa dos proprietários mantém-se inalterada.

A Demolição dos anexos devolve às ruínas um sentido de justo protagonismo que será relevante para a compreensão do novo conjunto. Assim, a intervenção na ruína passa pela compreensão do lugar e pelo reconhecimento dos seus pontos de interesse e valor cultural, aceitando-a como “*condicionalismo fértil em sugestões*”³⁷, o que leva a entender dois princípios:

- O primeiro diz respeito à organização das diferentes valências do programa hotel-termal, compreendendo uma clara contraposição à disposição atual dos espaços, de forma a repensar o hotel entre a memória do antigo e as novas necessidades programáticas.
- E ainda, a concretização de uma linguagem que integre a ruína que, a nosso ver, dignifique a imagem do antigo balneário termal com o novo volume, de forma a estabelecer uma relação de continuidade e complementaridade com a paisagem envolvente.

Com efeito, a compreensão destes conhecimentos sobre o passado e o presente das ruínas permite estabelecer a narrativa que se reflete no projeto, sempre que possível,

³⁷ PORTAS, Nuno –Carlo Scarpa: um arquiteto moderno em Veneza, in *Arquitetura*, Lisboa, nº59, 1957.

para dar forma ao conjunto e constituir a preocupação que restituiu o valor histórico do lugar. Tal postura, não poderia limitar-se apenas a manter a ruína, é necessário que a ruína evolua e interaja com o novo espaço.

Neste ponto, é fundamental perceber qual a posição que a proposta deixará no lugar, bem como compreender qual a hierarquização funcional a que o programa deverá obedecer, de forma a reinterpretar o desenho do edifício na sua estreita relação com a envolvente.

A relação entre o homem e o espaço, que se traduz na arquitetura termal, oferece-nos práticas e rituais específicos que promovem diferentes visões da percepção da forma construída. Através da observação dos novos espaços a propor e da vivência dos participantes (termalistas/ utentes e funcionários), é importante perceber a relação dos diferentes intervenientes com os mesmos, de modo a garantir o bem-estar.

As termas são, por isso, locais onde as doenças são tratadas pela água e sucessivamente associadas a um território organizado onde a cura e o lazer se interligam. As estâncias preenchem-se de equipamentos e dão corpo à lógica funcional do espaço, o qual, através de volumes coerentes impõem a ordem no quotidiano do utente e o envolve numa atmosfera curativa, preventiva e lúdica. Nesse sentido, o programa deve incluir estas três vertentes na solução projetual, sendo as primeiras duas reunidas na parte termal – a parte dedicada à saúde – e a terceira no hotel.

PROGRAMA E FORMA

"Face ao incremento da complexidade, precisamos, mais do que nunca, de um pensamento simplificador; mas que não seja mutilante. Quando a realidade resiste à simplificação, temos de nos voltar para a complexidade. A complexidade é o irromper da desordem do aleatório e da incerteza na realidade. [...] Todos sabemos hoje que o futuro é imprevisível, dada a intervenção perpétua da novidade e do imprevisto. É por isso mesmo que a complexidade extrema tem tendência para se assemelhar a uma crise permanente"³⁸.

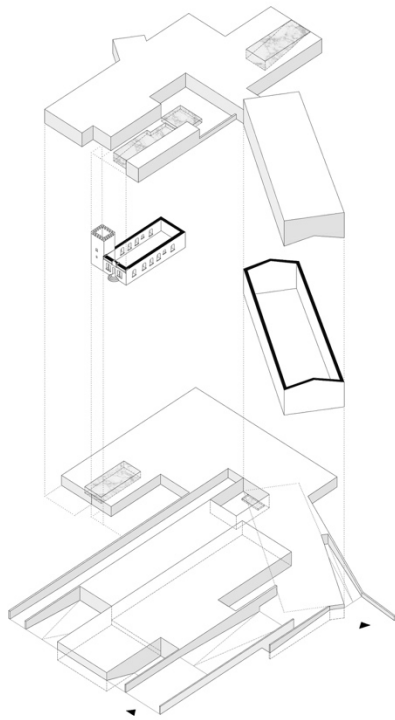
Na media em que se mantêm as características funcionais existentes - antigo balneário e hotel-casino facilita a disposição e organização do novo programa, contudo, a complexidade está na articulação de criar os novos volumes que surgem a partir da ruína, completando o programa inicial, pois a mesma caracterizava-se por uma dimensão reduzida que, em parte, não responde às necessidades atuais.

Na primeira interação entre o programa e forma, a abordagem passa pela introdução dos espaços que respondem à complexidade do programa. Delineada esta primeira noção e como ponto de partida, revela-se essencial compreender de que forma a hierarquização espacial pode ser conjugada com as diferentes exigências programáticas.

Assim sendo, opta-se por intervir a partir da ruína e não como novo espaço. É neste panorama que pretendemos integrar a dinâmica do Hotel entre as construções de duas épocas através de um processo evolutivo e de uma lógica contínua ao do lugar. Esse processo, ocorre como metamorfose que quer criar a sua própria energia, num novo percurso de memória.

Tal postura, cria deste modo uma nova tensão, uma forte dicotomia entre programa e problema, capaz de responder à condição principal – o espírito do lugar. Assim, a ruína e o novo volume a propor passam a ser encarados como uma única unidade, numa união consolidada.

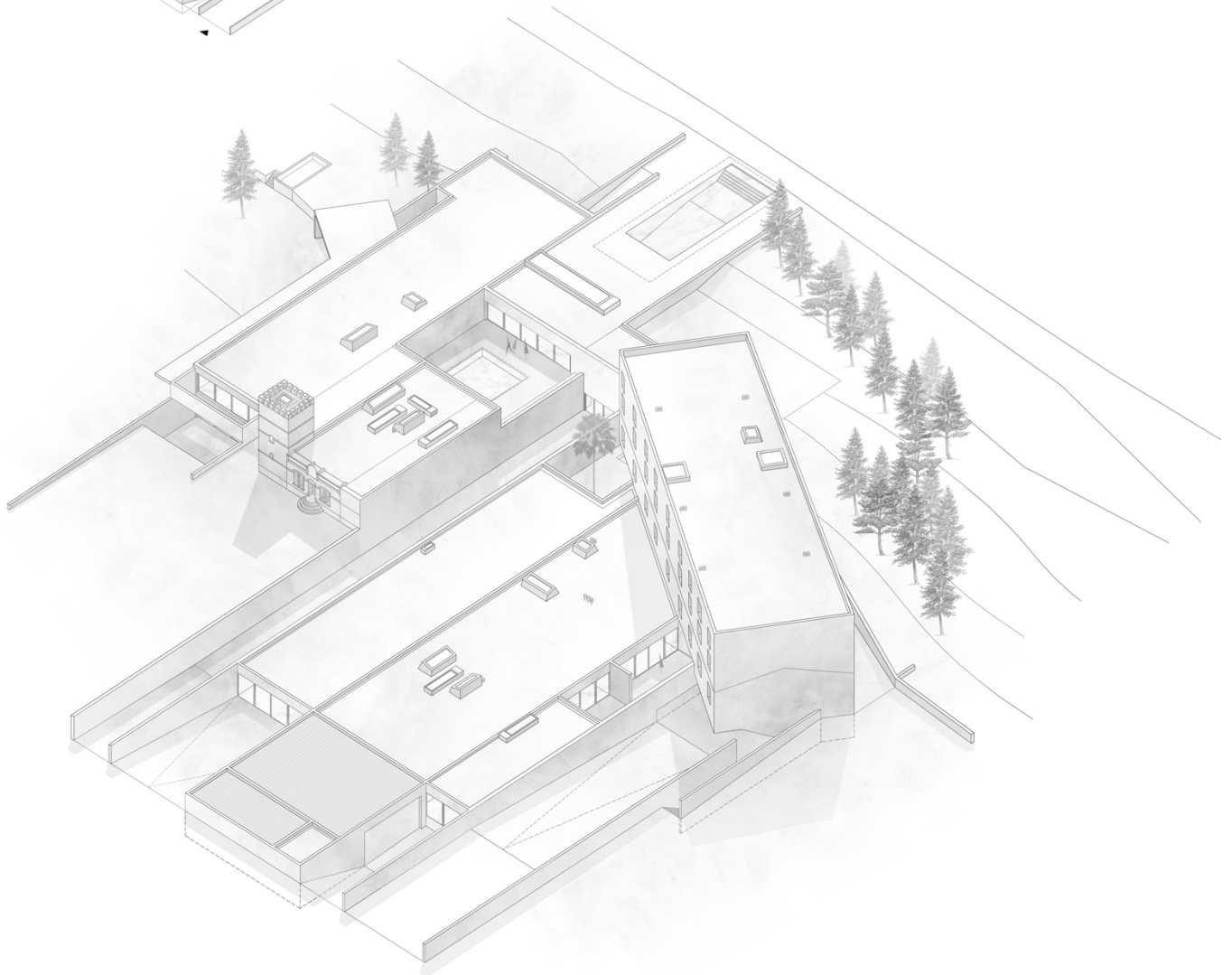
³⁸ MORIN, Edgar, O Jornal. [24 Dezembro, 1986]. in CUITO, Aurora - Eduardo Souto de Moura. p. 55.



● ●
Piso 2 e 3
[termas - à esquerda; quartos - à direita]

● ●
Piso térreo - existente
[antigo balneário e hotel-casino]

● ●
Piso -1
[entradas; zonas de apoio; zona médica]



Por este motivo, é no entender dos ambientes e da ruína que encontramos a forma para se estruturar – uma tentativa para a complementar e reorganizar. O exercício comporta, por isso, a sensibilidade de reconhecer a pertinência de cada função e exigência dos espaços, numa estrutura existente como dado fundamental na metamorfose que completa o espaço do lugar.

O resultado revela, assim, o novo hotel que conservará as fachadas originais do antigo balneário e do hotel-casino e passará dos 2 200m² atuais a ocupar uma área de aproximadamente 6414.154m², distribuído por quatro andares, um deles subterrâneo, complementado por uma área para estacionamento com 90 lugares e a criação de um novo acesso.

O programa encontra na narrativa conceptual desenvolvida a estrutura das ideias que alimentam o projeto, fruto do processo de concordância entre a ocupação e a topografia que desenham o interior dos espaços, num percurso que caracteriza a paisagem. Para cada momento, é requerido um equipamento específico que determina não só a sua localização, mas também a sua dimensão, desde a localização dos quartos, receção, cafetaria, restaurante, salas de estar, áreas técnicas, zonas lúdicas e medicinais.

A organização do programa que dá forma aos novos volumes foi pensada no sentido de melhor integrar as estruturas existentes e no respeito pelo espírito do lugar. Percorrendo do lugar ao espaço – do entorno ao objeto construído, revelam-se três momentos essenciais que devem figurar na génese da construção da proposta: o momento de chegada, o de organização espacial e o da interação com o lugar.

Nesse sentido, a proposta articula a necessária reformulação dos acessos, tanto do hotel como do balneário. Por este motivo, surge como primeiro problema a questão de como chegar aos espaços - o acesso teria de ser repensado – pois não se quer, “contaminar” uma frente de uma chegada de um hotel; pretendemos é manter a tranquilidade do lugar. Então reservou-se a parcela do terreno mais a norte para o estacionamento e entrada, ficando a frente a este intacta, de forma a manter a harmonia tanto da paisagem como do objeto.

Essa inversão de entradas procura libertar o acesso inicial de tráfego trazendo serenidade na relação interior/exterior do hotel ao nível térreo. Neste pressuposto, o desenvolvimento do projeto obriga à conceção de um desnível, em relação ao edifício hotel-casino, para permitir aceder ao espaço de uma outra forma. O objetivo é aceder ao espaço por duas entradas independentes: uma para o hotel e outra para as termas.

A entrada do hotel constitui o *foyer* de acesso, a receção, o auditório - 70 lugares -, instalações sanitárias de apoio e uma sala de estar. Quanto à segunda entrada, pretende-se criar um serviço de atendimento individual dedicado aos tratamentos termais. Contudo, apesar das duas entradas servirem programas diferentes, o hotel e as termas terminam por partilhar as mesmas áreas em comum, nomeadamente zonas sociais – restaurante e cafetaria.

É importante referir que as maiores aberturas do volume, servem para ligar o exterior com o interior, através de duas rampas de acesso: uma a este, o acesso do hotel e outra a norte da implantação, acesso às termas, sendo que a entrada a este faz a ligação com a estrada N102, estacionamento e, ao mesmo tempo, encaminha o hóspede para o interior do edifício através de uma rampa que o conduz para um *foyer* que faz a distribuição para a zona de receção, zona de elevador, restaurante e zonas de apoio. A segunda entrada, a norte, cria um “braço” de ligação, o estacionamento à cota superior e a entrada que serve o acesso reservado às termas, ficando esta na parte posterior em relação à implantação.

organizar

Surge então, a ideia de desenhar um novo volume parcialmente enterrado, desenvolvendo-o horizontalmente pelo terreno, tirando partido da morfologia original e mantendo as orientações dos edifícios preexistentes. Nesse sentido, o novo volume irá estruturar os acessos, as atividades de apoio ao hotel e fazer a ligação entre as ruínas, como se esta ligação fosse feita através de uma “massa” que parte do volume que contrui os acessos.

Para esta ligação se realizar, será demolido ao nível térreo a base de granito da extremidade norte da fachada do antigo hotel casino, criando uma maior abertura à rampa de acesso que irá fazer a transição de cotas, entre o acesso da estrada N102 – piso térreo – com a cota inferior do piso -1, e da qual, a partir daí, se desenvolve o programa.

A solução da rampa - paralela ao novo volume – resolve a transição do acesso ao hotel; a distribuição para a zona de *foyer* de receção; a aproximação da entrada à via de acesso – N102 dando, assim, a dimensão a própria rampa e por sua vez corpo ao novo volume.

A nível do piso -1 desenvolve-se no seguimento do *foyer* e por esta ordem os seguintes espaços:

- o auditório;
- a loja em contacto direto com o *foyer*;
- a receção;
- sala de estar;

- acessos verticais, quartos;
- e acesso ao balneário (zona médica e lúdica).
- a administração (gabinetes, sala de reuniões e sanitário);
- a cafeteria, restaurante e respetivos serviços (copa, sanitário e armazém);
- acesso de mercadorias e funcionários.

Neste piso, as funções são divididas segundo três zonas: zona de receção de hotel, zona de receção às termas e zona de serviços de apoio. Estas zonas encontram-se distribuídas em volta de um pátio que permite filtrar a luz para o interior do espaço e criar uma abertura ao volume. O vazio resulta da ligação criada entre o novo volume com a disposição dos edifícios preexistentes. Assim, conseguimos relacionar as três zonas e distribuir o programa.

Na zona de entorno ao pátio (fig. 044), no seguimento da receção, encontra-se um espaço comum que aproxima a zona de distribuição à zona de serviço e de apoio, localizadas no novo volume.

O novo volume é composto por duas zonas: uma de utilização pública e outra para funcionários. Cada uma delas é organizada ao longo de um sistema de circulação coordenada com os acessos a cada zona.

A primeira zona é composta pela cafeteria que estabelece relação direta com o pátio e com o restaurante. O acesso ao restaurante pode ser feito de duas maneiras: pelo interior através da cafeteria, separada do restaurante por uma parede em mármore, ou pelo exterior, através de uma rampa. Esta rampa para além de criar uma entrada independente ao restaurante desde o exterior, permite a entrada de luz para o interior do espaço.

A segunda zona é destinada aos espaços técnicos do hotel localiza-se entre a rampa de acesso do hotel e a primeira zona, ambos a este da implantação. É composta por espaços destinados às seguintes funções: armazém, cozinha principal, cozinha de pessoal, refeitório, balneários, sala de eventos, sala de reuniões e escritórios. Estas funções são organizadas em volta da cozinha principal, que conjuntamente, se conecta diretamente com a zona de restaurante, sala de eventos e armazém, permitindo assim a articulação entre as duas zonas. Também, esta zona encontra-se próxima ao acesso exterior para facilitar a chegada de funcionários, tanto desta zona, como da zona administrativa.



044
Vista para pátio interior.

No que diz respeito ao nível térreo, o programa procura desenvolver-se dentro dos limites das duas ruínas no sentido de tirar melhor partido delas, para constituir o programa de hotel. Este nível estrutura os quartos a partir dos limites da preexistência do hotel-casino com dimensões de 47,7x15,2, conseguindo organizar 16 quartos nesse piso. Ainda, estabelece relação com o antigo balneário, o qual podemos sem ter de descer ao piso de entrada. A cima deste piso é acrescentado dois novos pisos, aumentando a possibilidade e o número de quartos, num total de 47 quartos. Além dos quartos, o volume do hotel organiza os acessos verticais entre pisos e concilia uma copa, a qual se repete em todos os pisos e é servida por um elevador de serviço.

Os quartos contam com dois tipos de oferta: *standard* e *suite*, cuja dimensão corresponde a 24m² no *standard* e na *suite* aproximadamente 50m². Foram pensados como espaços de adaptabilidade, onde há espaço para conectar com a essência e a natureza trazida pela paisagem através de um único vão. Os quartos são marcados por duas peças singulares: por uma banheira feita por um único bloco de mármore junto ao vão e por um lavatório também ele em mármore colocado numa zona intermédia, entre a banheira e a cama. O quarto incorpora ainda um equipamento sanitário e um armário junto à entrada. A planta livre do quarto, permite a que não haja uma divisão de espaços, de modo a que o utilizador tenha um melhor contato de todo o espaço interior e exterior.

A *suite* distingue-se dos restantes quartos ao ser composta por três compartimentos: a entrada com uma pequena sala de estar; seguido pelo espaço de dormir, este separado da entrada por um plano, terminando com a zona da instalação sanitária.

Continuadamente desenvolve-se o programa termal, este encontra-se a sul do restante programa e é dividido por três pisos: um piso médico, um lúdico e um exterior – cobertura –, separados pelas suas exigências funcionais e técnicas. Os três pisos encontram-se ligados por meio de uma escadaria interior, um elevador e uma rampa exterior de acesso à cobertura.

O piso térreo, incorpora a zona médica, composta por duas salas de tratamento para vias respiratórias – adulto e criança –, quatro gabinetes médicos, dois de enfermagem, uma sala de reabilitação, nove salas de hidromassagem, e uma piscina de água minimal natural. A piscina obriga a encontrar um equilíbrio na organização do espaço, no sentido a abrir o volume ao exterior, dando luz natural ao interior e a estabelecer uma relação próxima com a natureza. O desnível entre o piso térreo e o nível do exterior, cria um muro de suporte com um metro de altura, permitindo criar um pátio. Este pátio, simbolicamente, prolonga o interior do balneário para o exterior e conecta o utente com a vinha que se manteve intacta.



045
Vista do interior da piscina para o antigo acesso.

No piso um, as funções são divididas segundo duas zonas: zona de piscina lúdica e uma zona de massagens. Estas zonas integram a área lúdica – *Spa* – do hotel.

A zona de piscina lúdica ocupa todo o interior do antigo balneário dando corpo à dimensão da piscina. O antigo acesso do balneário agora serve apenas para contemplar desde o interior, trazendo a serenidade a quem estiver na piscina (fig. 045). A iluminação é feita através de clarabóias que permitem filtrar a luz, promovendo a dinâmica interior do espaço.

Uma vez que a piscina lúdica ocupa na totalidade a área da ruína, foi necessário que esta adquirisse um novo volume, para que desta forma se conseguisse adquirir um espaço circundante à piscina e uma zona de massagens.

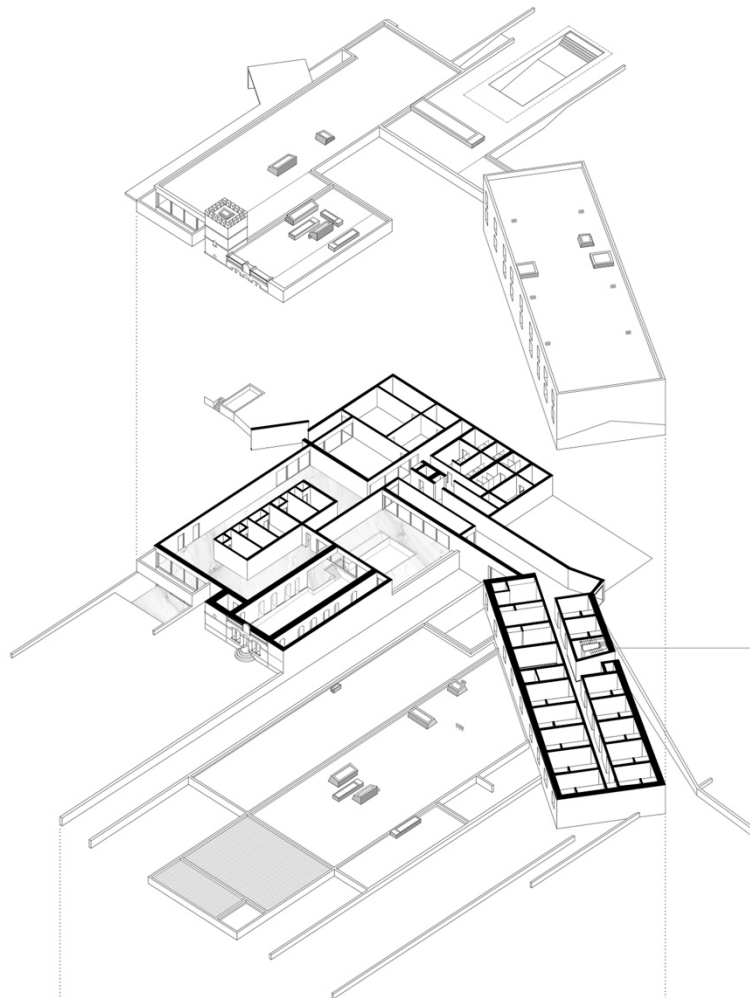
A zona de massagens constitui o ginásio, balneários, salas de massagens e três zonas de relaxamento. Estas zonas encontram-se distribuídas em volta de um pátio que permite filtrar a luz para o interior e no pátio criar uma piscina de água quente – *caldarium* – no alinhamento da piscina interior, de forma a criar dois espaços com características diferentes.

A torre do antigo balneário, ao contrário do próprio corpo, não sofre alterações, apenas constitui os limites do novo volume, mantendo as premissas do lugar. A torre estrutura a organização da zona da piscina e da zona de massagens, e desta forma estrutura o eixo de distribuição de acessos aos diferentes espaços. Através do mesmo alinhamento, pretende aproximar o interior ao exterior, por meio de uma rampa, fazendo a ligação deste piso à cobertura.

A cobertura prolonga a dinâmica dos pisos interiores ao exterior, aproximando o edifício e o utilizador à envolvente. Neste sentido, prolonga-se o limite da cobertura à topografia, dando espaço a uma piscina sazonal na sua extremidade, a oeste da implantação, respeitando o alinhamento com a piscina interior, ligando-a simbolicamente à natureza.

É de facto, com a cobertura e com o prolongamento dos planos que o conjunto se prolonga horizontalmente, além do programa, sobre a paisagem, criando vazamentos do interior para o exterior de forma a prolongar os espaços através das vistas. Esta ideia torna-se essencial na afirmação conceptual do projeto, isto é, no que diz respeito ao facto do edifício pousar sobre a topografia, numa metamorfose que pretende confundir o limite natural com o construído.

cobertura •



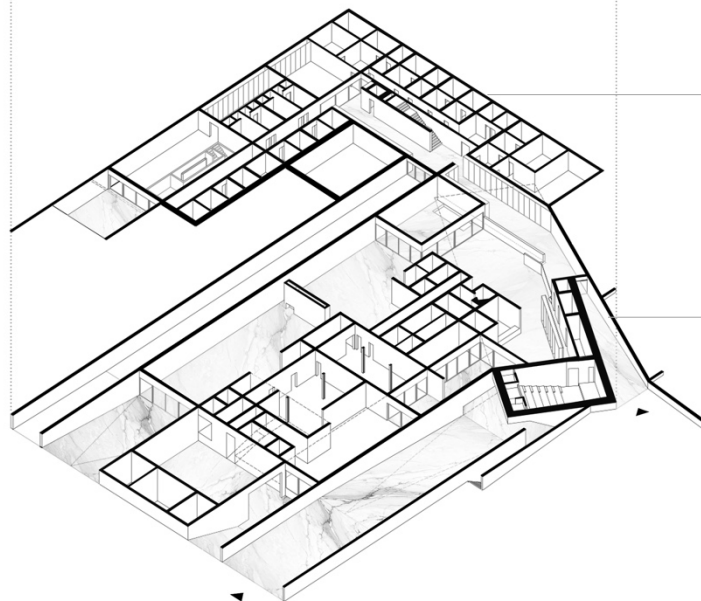
Piso térreo •

[existente]
zona de quartos

[novo volume]
zona termal

[novo volume]
zona técnica

Piso -1 •



FORMA E MATERIALIDADE

Desde o ponto de vista do exterior, a

forma do volume assume um carácter topográfico em que não se percebe onde começa e acaba a envolvente. A forma é adquirida pela própria metamorfose do espaço que adquiriu uma flexibilidade própria.

No desenho dos volumes, defende-se o recurso a um percurso arquitetónico que interligue a poética espacial de cada uma das áreas do edifício. Assim, a forma resulta da articulação dos novos volumes e das preexistências, dentro de um percurso que possibilita resolver não só o problema de interligar os diferentes espaços, mas também outro que, conceptualmente se mostrava mais complicado – o contraste formal e material entre as novas formas e as preexistências. Então, os novos volumes consolidam a preexistência no sentido de criar duas novas frentes: uma a este, direcionada para a estrada N102; e uma outra a norte, que reserva o novo acesso ao hotel.

Do lado este, apenas sobressai o topo da torre e o novo volume que integra os quartos, o qual resolve o alçado que formaliza a frente. Por outro lado, na lateral norte destaca-se o alinhamento do topo dos muros que divide a rampa de acesso à entrada e ao estacionamento.

As diferenças de alturas entre os volumes compreendem as premissas do projeto, em dois sentidos: a primeira, no caso do volume que integra o piso de acesso, piso esse com apenas um único nível, e sendo o mais baixo, a cerca de um metro e meio da superfície, pretende criar uma maior amplitude e perceção sobre o espaço. A segunda, contrariamente à primeira, pretende estabelecer uma relação de continuidade física através do novo volume dos quartos que, sendo o mais alto, encontrou o seu limite no topo da torre acastelada, já que não pretende sobrepor-se à escala da ruína. Estas diferenças de alturas organiza não só o espaço na sua enorme complexidade, mas pretende essencialmente minimizar o impacto na paisagem, exibindo-se de uma forma serena.

Com a adequação dos espaços e respetivas funções, é necessário marcar limites e relações entre o espaço interior e exterior. Esses limites criam novas aberturas nos alçados e condicionam a reintegração ou encerrar o fechamento dos vãos existentes dos velhos edifícios. Desta forma, os vãos surgem alinhados e podem representar simples rasgos que enquadram uma vista, ou representam vazios criados na cobertura, situação que dá origem a pátios interiores ou clarabóias que controlam a

luz em espaços mais específicos.

Na continuidade de aproximar o espaço interior ao exterior, bem como a procura de aproximar o espaço à natureza, revela-se sobretudo a ideia de continuidade de matéria ao longo do espaço, pelo que a escolha dos materiais teve como princípio duas determinantes: a continuidade e naturalidade dos materiais. A proximidade com a preexistência e continuidade com as ruínas em granito, emprestam ao novo volume uma unidade com o seu entorno e um carácter mineral muito forte. O projeto pretende manter e reforçar esse carácter, enfatizando as paredes em pedra preservadas, às quais se acrescenta uma nova estrutura em betão, a fim de criar uma sensação mineral para o todo.

Desta forma, o significado dos materiais e da construção da própria narrativa que se propõe, encontra nos espaços desenhados a tradução de um novo ambiente. É essencial que no desenho do espaço exista uma associação plástica entre materiais que possuam características temporais dessa passagem: o betão assume-se como o material que melhor reflete esta abstração formal. Além da importância desta matéria em termos construtivos para o projeto, a utilização do betão cria uma plasticidade e um carácter escultórico, permitindo que as suas superfícies sejam aparentemente uniformes, como se tudo no desenho se tratasse apenas de uma peça única. Nesse sentido, o betão é o material que domina o espaço, uma vez que é através dele que as superfícies estabelecem a relação de contato mais íntimo, através da integração da vitalidade entre o novo e velho.

Na procura da continuidade, o betão prolonga-se pela estrutura e pelas paredes interiores. Por outro lado, em determinadas zonas ou porque assim pede o projeto, foram aplicados outros revestimentos. Ao nível das superfícies recorreu-se a outro material, o granito polido, sobretudo em pavimentos e acabamentos exteriores, mas também em harmonia com o exterior, o interior é formado pelo mesmo material - em pavimentos e rodapés, principalmente em espaços de circulação/ átrios, trazendo a naturalidade e suporte de todo o projeto. A continuidade destes materiais, tão forte, eleva os espaços a uma escala mais próxima com o lugar e, portanto, a vivência do hotel ganha uma poética própria.

Contudo, a pormenorização do edifício é associada a uma capacidade sensorial de o compreender. Pretende-se que esta dicotomia entre forma e materialidade seja resolvida pelo significado dos materiais a utilizar, pela forma como são utilizados e pela importância da sua utilização em prol de uma ideia clara de atmosfera. Assim, pretende-se uma clara relação entre o volume, os seus componentes e o seu desenho.



Paredes

Como foi mencionado anteriormente, as novas paredes exteriores são de betão aparente de cor cinza, de forma a ter uma superfície continua na relação com as paredes de granito existentes. As paredes existentes levam uma cal hidráulica natural da mesma cor do betão, como ligante e refechamento de juntas, dando acabamento e resistência às paredes de pedra. A espessura das paredes varia entre 80cm, para paredes de pedra ou 30cm nas paredes de betão. As paredes mais grossas são as paredes existentes, sendo acrescentado pelo interior uma camada de isolamento térmico de 6cm, uma parede em alvenaria de tijolo de 11cm e acabamento. As novas paredes exteriores, são elas constituídas pelo betão armado, mais isolamento térmico de 6cm e uma parede em alvenaria de tijolo de 11cm, ou, duas paredes em betão de 15cm mais uma camada de isolamento térmico de 6cm e uma caixa de ar de 5cm. No interior configuram-se algumas paredes de betão de 30cm. Estas paredes são importantes para a estrutura como também são juntas de dilatação. No entanto, em determinadas zonas há a necessidade de subdividir espaços interiores, através de duas paredes em alvenaria de tijolo de 11cm mais 4cm de isolamento acústico, no caso dos quartos e zonas das termas. Em outros espaços esta divisão é feita através de uma parede de alvenaria de tijolo de 15cm.

Os revestimentos das paredes dependem do seu tipo de utilização. Nesse sentido, as paredes interiores são protegidas, na maioria, por um lambrim de mármore nas zonas de circulação, ou por um rodapé em mármore na zona de restaurante e cafetaria; nas restantes zonas utiliza-se um reboco estanhado (efeito liso) de cor branca, essencialmente na zona de quartos ou cerâmico porcelânico (*Porcelanosa soul frost polido - 30x60; Praga white - 40x25*), colocados nas instalações sanitárias, e nas zonas técnicas ou de serviço as paredes são protegidas por um lambrim de madeira em carvalho até à altura da padieira das portas.



Pavimentos

Os pavimentos definidos no projeto fazem a ligação com as outras superfícies, nomeadamente com os revestimentos. Nos pavimentos exteriores, rampas e pátios, aplica-se um granito polido, devido à sua dureza e naturalidade, combinado com a matéria das superfícies existentes, trazendo a ideia de intemporalidade e uma textura diferente. Relativamente aos restantes espaços interiores, eles são aplicados em função da sua função: no caso das zonas técnicas é aplicado um linóleo tipo “uni

walton, da amstrong” ou equivalente; no restaurante, cafetaria, *foyer* e sala de estar, aplica-se um granito *cerene* com acabamento polido, num prolongamento ao exterior; no auditório e zona administrativa será aplicado um flutuante laminado tipo “basic carvalho ac4” 0,193x1,38. O cerâmico Porcelanico “soul frost polido” 59,4x39,6, será aplicado nas instalações sanitárias e balneários; Nos quartos serão utilizados dois tipos de pavimento: na zona junto ao vão até ao lavatório é utilizado um mármore branco, para ligar o pavimento com a superfície da banheira, criada com o mesmo material. Nos corredores de acesso ao quarto, bem como a zona circundante à cama, será utilizado uma alcatifa standard LusoTufo “sensation 1200” 5x5, cor cinza claro ou equivalente. A alcatifa proporciona um maior conforto no quarto e reforça a própria acústica, ao mesmo tempo, devido ao elevado isolamento térmico, proporciona uma redução significativa dos custos de aquecimento/ arrefecimento do ambiente, em comparação com outros materiais. Por fim, é utilizado nas superfícies da piscina, salas de massagem e gabinetes médicos uma superfície toda ela em mármore branco tipo “thassos”, estendendo a superfície aos lambrins bem como, aos próprios elementos que foram desenhados com o mesmo material, no caso do lavatório e da marquesa da sala de massagens compõem a base das superfícies dominantes dos seus espaços.

•

Tetos

Existem dois tipos de tetos no edifício: teto falso de gesso cartonado e teto em betão aparente. O teto de betão aparente é essencialmente na zona da piscina, restaurante, cafetaria e em algumas zonas técnicas, armazém e corredores de acesso. Nas restantes zonas configura-se por um hidrófugo tipo “knauf” ou equivalente, suportado por uma estrutura em aço galvanizado, dá suporte à própria iluminação, extractores de ar e em determinadas zonas, tem embutido o estore de rolo tipo “blackout” controlando a intensidade da luz, para a privacidade no caso dos quartos.

•

Lajes e cobertura

As lajes entre pisos são mistas, em betão armado sobre perfis de ferro, E =280mm. A laje do piso -1 que está em contacto com o terreno será em betão armad, E=280mm, colocado sobre uma camada de betão de limpeza, E=50mm.

A cobertura do volume de acesso, bem como a cobertura do balneário será constituída por uma laje de betão armado, E=280mm, seguido de um impermeabilizante “tela asfáltica”, uma camada de assentamento em betão leve e

fibra de vidro, membrana geotêxtil, painel rígido de isolamento térmico à base de poliestireno extrudido, barreira de vapor, camada de forma com regularização e pendente de 1% para escoamento das águas pluviais, guiadas por canais de drenagem em chapas de zinco até aos tubos de queda e, para terminar, uma camada constituída por terra vegetal, camuflando a própria cobertura. No caso da zona da piscina exterior e da cobertura do volume de quartos será constituída por um lajeado de betão, de forma a permitir circulação na cobertura mais facilmente.

•

Vãos

Ao nível dos vãos, na zona de entrada, optou-se por um grande envidraçado constituído por quatro portas de abrir, em vidro duplo, caixa de ar e caixilharia de alumínio em aço inoxidável, tipo “panoramah-ph26” marca Technal, que se encontram no meio de dois vãos fixos, também eles de vidro duplo e caixilharia em aço inoxidável. Os vãos exteriores e dos pátios, são constituídos por painéis deslizantes em vidro duplo com caixilharia em aço inoxidável. Os vãos dos quartos mantêm o mesmo material, diferenciando o tamanho e o tipo de abertura, sendo estes fixos e com sistema oscilobatente para poder ventilar o quarto. A entrada para a zona técnica é feita pela zona do armazém, através de uma grande porta de correr automática em aço inoxidável. Estes vãos são em aço porque para além da sua resistência, é um material cuja sua linguagem é semelhante à do betão permitindo que se confundam, principalmente pelo exterior, pois pelo facto de serem colocados pelo interior provoca o sombreamento dos vãos, que protege por um lado da exposição solar, visto que a maioria está virado a sul e por outro evita o reflexo.

As portas interiores foram escolhidas consoante o tipo de espaço. Na zona técnica optou-se por portas de madeira em carvalho, sendo estas nas salas administrativas e corredores. Nas cozinhas as portas mantêm-se em madeira de carvalho, porém com acabamento lacado a cor branca e revestimento na extremidade com chapa de aço, permitindo uma maior resistência. No interior da cozinha, a separação dos espaços de preparação e confeção dos alimentos é feito através de um conjunto de portas de vidro simples com caixilharia de alumínio inoxidável.

Na zona termal optou-se por portas de vidro translúcidas e caixilharia em alumínio nos corredores, tornando o espaço mais visível e luminoso. Contudo, nas salas de massagem o vidro passa a ser opaco porque estas requerem mais privacidade. Já nos gabinetes médicos o vidro mantém-se opaco, porém com moldura em madeira de carvalho. Ainda na zona termal as portas de estrada dos balneários são constituídas por uma porta de abrir e uma folha fixa, em madeira de carvalho,

revestidas com contraplacado de tola e acabamento lacado, pelo facto de se localizarem numa zona húmida.

No edifício dos quartos optou-se por portas de 5mm de espessura com isolamento acústico, em madeira de carvalho com acabamento lacado a cor cinzento claro. Em relação aos acessos verticais, as portas têm um aro corta-fogo em contraplacado denso com perfil de isolamento e barra antipânico.



047
Vista interior da piscina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do lugar ao espaço foi o termo que definiu o título desta dissertação e cujo significado resultou em algo mais que o esperado. Entendeu-se que o lugar acaba por ser uma resposta física no momento de intervir nas preexistências. Por ser o elemento chave na tomada de decisões do projeto, ele manifesta-se na permanência da ruína e sobre ela propõe-se um novo hotel. Onde a memória do lugar se mantém, e sobre ela desenha-se um novo volume, através de um processo que conceptualmente designamos de metamorfose, no sentido de prevalecer uma evolução equilibrada entre espaço e tempo.

Esta percepção, e como produto desta dissertação, obrigou a uma reflexão, num processo que progrediu até à construção de um conjunto de ideias com o objetivo de formular um caminho que possa evidenciar o espírito do lugar.

A proposta surge como uma natural interpretação das condições do lugar, não como uma mera resposta ao programa, mas sim, como uma resposta no confronto com uma realidade existente fazendo valer o método que, a nosso ver, a metamorfose do espaço cria maior oportunidade na forma de intervir nas preexistências, ao contrário da mera recuperação dos edifícios.

A ideia principal foi repensar o lugar sobre um legado preexistente, a ruína, que se conquistou através de um processo de trabalho agrupado com momentos de certezas e de dúvidas, dando-lhe o método necessário para a sua concretização. As principais dificuldades encontradas durante a evolução do projeto foram: a tentativa de uma organização espacial racional, onde tudo se configurasse equilibradamente; e a dificuldade de adequar um programa exigente e particular a uma lógica recriadora do próprio ambiente.

Neste processo identificam-se diferentes momentos chave: num primeiro momento, a chegada, e num segundo, a interação e organização do lugar, programa e forma de um referencial pessoal; em associação com a memória, que transporta para o conjunto; a familiaridade dos materiais, dos objetos e das imagens, bem como as sensações que estes produzem. Por fim, o desenho avança quando as questões se dissolvem entre a premissa do lugar ao espaço.

Compreender a progressão do projeto foi algo que se revelou fascinante no desenvolver deste processo. Quando nos confrontamos com a imagem de uma determinada proposta para um determinado lugar, a forma como esta se apropria e se adapta ao que a envolve procura um discurso coerente, que se desenvolve através da metamorfose, ao encontrar o equilíbrio entre paisagem e desenho.

A proposta apresentada surge como intenção de tornar possível a reivindicação de uma ideia no espaço e tempo, e que pode não significar a mais correta, mas em termos pessoais cumpre as expectativas. A proposta acabou por não se basear na história do termalismo ou em tipologias atuais de hotéis do mesmo género, mas sim de referências que procuram interagir num equilíbrio entre construído e natureza, pois representa o maior desafio para o arquiteto. Por esse motivo quisemos incluir uma espécie de “mapa de referências”, onde exemplifica a forma como o objeto arquitetónico lida com as preexistências.

Todo este processo colocou em evidência que a proposta pode prosseguir uma ideia como resposta a resolver um problema. Embora a sociedade esteja em constante evolução, não significa que a metamorfose proposta seja intemporal, no sentido em que temos de ter espaços que nos permita testar os limites da sua evolução e que apresentem num momento determinado, a nosso ver, a necessária e inevitável transformação.

Portanto, essa evolução define uma nova distância entre o lugar e objeto, do qual interessou preservar a memória do lugar e a memória transfigurada da ruína, mas sobretudo encontrar o equilíbrio no novo volume, de forma a manter a essência de ambos numa metamorfose única, para que no fundo potencie essas memórias. Nesse sentido, este exercício de projeto apela ao encontro entre o lugar e objeto, isto é, ser capaz de demonstrar conceitos teóricos na forma e no espaço, à espera de que seja verificada a distância pelo tempo e pelas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER**, Christopher.
El Modo Intemporal de Construir.
Barcelona: Editorial Gustavo Gili,
1981.
- AUGÉ**, Marc. Não-Lugares.
Introdução a uma Antropologia da
Sobremodernidade. Paris: Editora
du Seuil, 1992.
- BACHELARD**, Gaston. A Poética
do Espaço. São Paulo: Martins
Fontes, 2005.
- BAEZA**, Alberto Campo.
A Ideia Construída. Casal da
Cambra: Caleidoscópio, 2008.
- BAEZA**, Alberto Campo .
Pensar com as mãos. Casal de
Cambra: Caleidoscópio, 2011.
- BARRIOS**, Sónia. A Construção do
Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.
- BENEVOLO**, Leonardo. Introdução
à Arquitectura. Lisboa: Edições 70,
2007.
- CARRILHO**, Manuel Maria.
Elogio da Modernidade. Lisboa:
Editorial Presença, 1989.
- CROFT**, Vasco.
Arquitectura e Humanismo: o
papel do arquitecto, hoje, em
Portugal. Lisboa: Terramar, 2001.
- CHOAY**, Françoise - Alegoria do
Património. Lisboa: Edições 70,
2010.
- D'ALMEIDA**, Dr. Amaro e João D.
de Almeida. Inventário Hidrológico
de Portugal, Beira Alta. 3º Lisboa :
Ministério da Educação e Cultura,
1975.
- DE CERTEAU**, Michel.
L'invention du quotidien 1.arts de
faire, Éditions Gallimard, Paris, 1990.
- DOMENECH**, Luís Boada.
O Espaço Recriado. São Paulo:
Nobel, 1991.
- HEIDEGGER**, Martin. Ensaios e
Conferências, 2.ª edição, Petrópolis,
Editora Vozes, 2002.
- HOLL**, Steven.
Anchoring, Princeton Architectural
Press, Universidade de Michigan,
2007
- LOOS**, Adolf. Adolf Loos: escritos, El
Croquis, Madrid, 1993, p. 75
(tradução livre: " El hoy se construye
sobre el ayer, así como el ayer se
construyó sobre el anteayer
- PINTO**, Helena Gonçalves, Jorge
Mangorrinha. O Desenho das
Termas, História da Arquitectura
Termal Portuguesa. [s.l.], H.G. Pinto
e J. Mangorrinha, 2009.
- PORTAS**, Nuno. Carlo Scarpa: um
arquiteto moderno em Veneza, in
Arquitectura, Lisboa, nº59, 1957.
- MOURA**, Eduardo Souto de Eduardo
Souto de Moura, Blau, Lisboa, 1994
- MONTANER**, Josep Maria
Arquitectura e crítica. Editorial
Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2007.
- MONTANER**, Josep Maria. A
modernidade superada, Editora
Gustavo Gili, Barcelona, 2001
- NORBERG-SCHULZ**, Christian
Genius Loci – paesaggio ambiente
architettura, Ed. Mondadori Electa,
Itália, 1979

RODRIGUES, Jacinto - Álvaro Siza, obra e método, Editora Civilizações, Porto, 1992.

RODRIGUES, Adriano Vasco – Celorico da Beira Monografia Histórica e Artística, Rocha/artes gráficas, 1992.

RIEGL, Alois. O Valor de Arte Relativo, 1903, in AAVV, Teoria e Crítica de Arquitetura, Século XX, Lisboa, Ordem dos Arquitetos e Calendoscópio, 2010,

SANTIAGO, Miguel. Pancho Guedes - Metamorfoses Espaciais. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

SANTIAGO, Miguel. Pensamentos X Cidade| Arquitetura| Pedagogia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013.

TAVORA, Fernando. Da Organização do Espaço. Porto: FAUP publicações, 2006.

VIEIRA, Álvaro Siza. Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70, 1998.

VIEIRA, Álvaro Siza. Escrits, Barcelona, Edicions UPC, 1994.

ZEVI, Bruno – Saber Ver a Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZUMTHOR, Peter. Pensar a arquitectura. Barcelona. Gustavo Gili, 2005

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas; Barcelona. Gustavo Gili, 2006.

Revistas e Publicações periódicas

MEURON, Jacques Herzog, de, Pierre. El croquis 152-153. Editorial El Croquis, Madrid.

KOOLHAAS, Rem. El Croquis. Madrid: El Croquis Editorial. 1994, n.º 53.

NOUVEL, Jean. El Croquis.: 1987-1994. Madrid: El Croquis Editorial. 1994, n.º 65/66.

CHIPERFIELD, David. El Croquis 174- 175. Madrid: Editorial El Croquis, 2014.

MOURA, Eduardo Souto de. El Croquis 2005 -2009. Madrid: Editora El Croquis, 2009.

OLGIATI, Valerio. El Croquis 1996-2011. Madrid: Editora El Croquis, 2011.

Dissertações

CARRIÇO, Ana Patrícia da Silva - Metamorfoses do espaço termal. O caso das termas de S.Pedro do Sul. Covilhã: UBI, 2013

PIRES, Amílcar Gil e, Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa, Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa, 2008.

Anexos

Peças Desenhadas

Folha 01	Planta de Localização	[esc.1:8000]
Folha 02	Levantamento existente	[esc.1:400]
Folha 03	Amarelos e Vermelhos	[esc.1:400]
Folha 04	Amarelos e Vermelhos	[esc.1:400]
Folha 05	Amarelos e Vermelhos	[esc.1:400]
Folha 06	Planta de implantação I proposta	[esc.1:400]
Folha 07	Planta piso -1 I proposta	[esc.1:200]
Folha 08	Planta piso térreo I proposta	[esc.1:200]
Folha 09	Planta piso 1	[esc.1:200]
Folha 10	Planta piso 2	[esc.1:200]
Folha 11	Planta piso 3	[esc.1:200]
Folha 12	Planta de cobertura	[esc.1:200]
Folha 13	Axonometria	[esc.1:200]
Folha 14	Corte 01 - 03	[esc.1:200]
Folha 15	Corte 04 - 06 I proposta	[esc.1:200]
Folha 16	Corte 07 - 09 I proposta	[esc.1:200]
Folha 17	Zona 1 Iplanta	[esc.1:50]
Folha 18	Zona 4 Iplanta	[esc.1:50]
Folha 19	Zona 5/6 Iplanta	[esc.1:50]
Folha 20	Pormenor 1 - 5	[esc.1:20]
Folha 21	Pormenor 6 - 10	[esc.1:20]
Folha 22	Pormenor 11 - 13	[esc.1:20]
Folha 23	Pormenor 14 - 19	[esc.1:20]
Folha 24	Mapa de vãos	[esc.1:20]
Folha 25	Mapa de vãos	[esc.1:20]
Folha 26	Mapa de vãos	[esc.1:20]
Folha 27	Mapa de vãos	[esc.1:20]

